



# poesia escolhida

de José Jorge Letria

(Página deixada propositadamente em branco)

# poesia escolhida

de José Jorge Letria

li



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Email: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

FOTOGRAFIA DA CAPA

© Augusto Brázio/kameraphoto

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

INFOGRAFIA

Xavier Gonçalves

EXECUÇÃO GRÁFICA

Tipografia Lousanense

ISBN

978-989-26-0156-4

ISBN Digital

978-989-26-0928-7

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0156-4>

DEPÓSITO LEGAL

346671/12

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:



**CASCAIS**

CÂMARA MUNICIPAL

**poesia escolhida**  
de José Jorge Letria

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE TERESA CARVALHO

(Página deixada propositadamente em branco)

## SUMÁRIO

DA ARTE DE MORRER NOS 40 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DE JOSÉ JORGE LETRIA.....	11
--	----

### PRÓLOGO

TOMEM-ME PELO QUE SOU: ESCOMBRO QUE AFRONTA.....	31
A MINHA LINHAGEM.....	32
NOME DE PAZ SABENDO A MAR.....	35
QUEM ME FEZ SEM FÉ.....	36
A QUEM PERGUNTAR QUEM SOU.....	38
QUANDO O SOL DECLINA.....	40
COMO NAS HISTÓRIAS.....	42
O VERÃO (GIUSEPPE ARCIMBOLDO).....	43

### PERSONAGENS E RASTOS DE AUSÊNCIA

MALABAR.....	47
O ACTOR.....	48
O POETA SAUDÁVEL.....	49
HABITANTES DOS RETRATOS.....	50
O LEITOR.....	51
A ACTRIZ INCENDIADA.....	52
MULHER A CHORAR (PICASSO).....	53
TERREIRO DA CASA.....	54
ESQUIVA-SE A FELICIDADE.....	55
O AMOR TUDO MATA QUANDO MORRE.....	56
DO OUTRO LADO DOS LIVROS.....	57
AGOSTO, LEMBRO-ME, TINHA UM TAMBOR A TOCAR.....	58

DEBAIXO DOS PÉS SE LEVANTARÃO .....	59
COMO UM MANTO DE SAUDADE.....	60
CONTACTO .....	62

#### CENA VIVA

TANTAS MORTES QUE NEM SEL.....	67
CONSUMAÇÃO DA ESCRITA .....	68
PONHAM OS TALHERES DE PRATA NA MESA .....	69
FOTO COPIA DOR .....	70
O ARMÁRIO.....	71
DE QUE VISÃO ME FALAS? <sup>9</sup> .....	72
DEPOIS DO HOMEM .....	73
FINJO-ME REI DE TODAS AS LUAS .....	74
PODE LÁ HAVER MAIOR TRIUNFO.....	75
NÃO PODE HAVER ZONAS INTERMÉDIAS.....	76
EU QUERIA TER A LARGURA DE UM PALCO.....	77
À CUSTA DE ME QUERER UNO, PULVERIZEI-ME .....	78
DE REPENTE, A MINHA VIDA COMEÇA.....	79
QUE TODA A MORTE SEJA APENAS ESTE HIATO.....	80
LEVE-SE O ATREVIMENTO ATÉ À ÍMPIA, TOTAL.....	81
CRESCE UM LIVRO, EM MOTIM DE FALAS .....	82
ANDA A FEBRE DE UM MILÉNIO.....	83
SE PUDESSE AMAR-VOS, ERA AQUI QUE VOS AMAVA.....	84
PORFIAS, E TENS-ME ONDE ME QUERES .....	85
QUANTAS VEZES PERDI O DOMÍNIO DA MÃO .....	86
MORRO TODOS OS DIAS UM POUCO MAIS .....	87
ANDA UM LIVRO A ESCREVER-ME COM VAGAR DE ESCRIBA .....	88
A VOLÁTIL SUBSTÂNCIA DO SONHO.....	89
A IMAGEM ATRÁS DO VIDRO.....	90
A ENCENAÇÃO DOS MEDOS.....	91
JUNTO ÀS ALGAS .....	92
DETÉM-TE, CORAÇÃO .....	93

DE ARTIFÍCIOS E ADEREÇOS .....	94
SENHOR PESSOA, CHEGAMOS A CASCAIS .....	95
NA RUA DA BELA VISTA, COM TANTO PARA LEMBRAR .....	97
BOCA DO INFERNO .....	105
O AR DENTRO DO GRITO .....	107
A EXTREMA COMOÇÃO .....	108
LANCETA DE FOGO .....	109
UIVAM CÃES DENTRO DA CAMPÂNULA DA NOITE .....	110
ESVAÍ-ME EM SOLITÁRIAS FALAS .....	112
O MEU TEATRO É IRREPRESENTÁVEL POR SER .....	113
NUM GRANDE TEATRO ANTIGO .....	114
ESTOU NESTE QUADRO NUM TUMULTO QUE SÓ O VERSO .....	115
PROCLAMA EM MIM A TUA MORADA .....	116
NUM CRISTAL DE ORVALHO .....	117
TUDO POR UM DIA .....	118
EU VINHA POR UM POUCO DE VIDA .....	119
DÉDALO DE NOMES E ENREDOS .....	120
BOTHO STRAUSS .....	121
WILLIAM SHAKESPEARE .....	122
LUIGI PIRANDELLO .....	123
TERMINAR NA PALAVRA FIM .....	124
O PEQUENO TIGRE VERDE .....	125
ONDE O LIVRO ACABA E A VOZ COMEÇA .....	126
QUEM MORRE NO QUE DIZ .....	127
COMO UM TORNADO .....	128
TUDO SOBRE O MISTÉRIO DA ESCRITA .....	130
TUDO SÃO HIPÓTESES .....	132
O PESADELO NO CORAÇÃO DO TEXTO .....	133
NA MINHA RUA, AO ANOITECER .....	134
ESTÁ BEM E RECOMENDA-SE .....	135
COMO AS LENDAS E OS MEDOS .....	136
ÚLTIMO ENCONTRO COM CESÁRIO .....	137
AS PÉTALAS DO HORROR DA FEBRE .....	140

A MUDANÇA DE PELE.....	141
UMA NOITE FECHADA A SETE CHAVES .....	142
E DEPOIS VIRÁ A NOITE.....	144
PACTO FINAL COM A INFÂNCIA.....	145
ONDE ANTES HOUVE DEUSES .....	146

PARA LÁ DO PANO: A ARTE; A VIDA

A IRA DOS POETAS.....	149
O MAIS QUE SE DISSER.....	152
O ESSENCIAL ESTÁ NA MÚSICA .....	153
O VERSO ALCANÇANDO O INFINITO .....	155
ENQUANTO A LUZ O VISITOU .....	157
ESCREVE-SE PARA O DESDÉM.....	159
O PALCO É UMA VOZ.....	161
PARA UMA ONTOLOGIA DO DIZER .....	163
A MEMÓRIA ATÉ AO FIM.....	164
A CELEBRAÇÃO DA METÁFORA .....	165
O QUE ESCREVO SEM LIMITE.....	166
SOBRE O HEROÍSMO .....	167
CÓLOFON .....	168

# poesia escolhida

de José Jorge Letria

**TERESA CARVALHO**

DA ARTE DE MORRER  
NOS 40 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DE JOSÉ JORGE LETRIA

«O que pensaria o meu pai de mim,  
hoje, ao fim de tantos livros?»

*Senhor Pessoa, Chegámos a Cascais*

«[...] o teatro em que me escrevo  
morre dilacerado por tudo o que não sinto»

*A Metade Iluminada*

Quando, em janeiro de 1973, José Jorge Letria se estreava em livro, *Mágoas Territoriais* deixavam entrever, para além de uma decetividade comunicada num timbre de pessoalíssima voz, a busca de uma identidade própria, em que se joga não apenas o destino individual mas o próprio sentido de ser-se humano. Era o início de um percurso de contínuo estranhamento, marcado pela ação de forças dispersivas e pontuado pelo questionamento identitário. Um percurso que — sabê-lo-ia mais tarde — não poderia culminar na exibição de uma face única, mas na fixação de uma identidade em que a figura do duplo desempenha um papel preponderante. Na verdade, iniciava então o poeta a escrita de um Livro (assim mesmo, com maiúscula), ainda e sempre inacabado, que é a imensa glosa da mesma questionação fundadora: Quem sou eu? «O que sou e o

que escrevo»? o título, aliás, de um poema de *Não Há Poetas Felizes* (2006). Heterónimo de si mesmo, assim acabaria por se definir, consciente de uma multiplicidade que vejo, antes de mais, como qualidade.

A *persona* biograficamente identificável que na sua poesia ora se revela tantas vezes em confissões de sinceridade suspeita, ora se oculta na intimidade dos traços que exhibe, e sobretudo a que se vai construindo e apurando nos livros publicados a partir da década de '80, nunca ousou dizer que fingia, «porque já outros, antes de mim – escreve em *A Metade Iluminada* (1998)

havam erigido o fingimento/ em religião, em suprema arte. E eu não fingia/ ao falar de desordem, e eu não fingia/ ao falar de assombro, e eu não fingia/ ao falar de mim». Dir-se-ia que o encontro com o poeta dos heterónimos estava inscrito no DNA do poeta José Jorge Letria: «Eu sou muitos com um só rosto./ Não tenho como tu, Fernando [...], uma identidade/ plural, um leque de nomes a abrir-se,/ imenso, em direcção à luz».

Do diálogo com Pessoa, publicamente iniciado, por interposto poeta, em *A Sombra do Rei-Lua* (1991), uma coletânea que presta homenagem a Mário de Sá-Carneiro, continuado e aprofundado em zonas posteriores da sua obra, sobressai um singular jogo heteronímico em que as fronteiras entre a verdade existencial e os artifícios da ficção se esbatem de tal modo que ficamos sem saber onde termina o fingimento da vida e começa a verdade da ficção.

Mais do que um poeta de influências<sup>1</sup> (sem *ansiedade* nem outras *angústias* que as que derivam do sentimento da finitude

---

<sup>1</sup> Veja-se o interessante estudo de J.CONRADO, *O Som e a Dúvida – ensaio sobre a vida e a obra poética de José Jorge Letria*, Hugin Editores, Lisboa, 1999.

e da «miséria moral do nosso tempo», e nisto em pleno acordo com o atual panorama da poesia portuguesa), José Jorge Letria é um poeta de confluências. Refacimento de vozes, em plena e desinibida assunção de toda uma herança cultural e literária (Camões, Cesário Verde, António Nobre, Mário de Sá-Carneiro), reenvios, ressonâncias, efeitos de eco (que permitem reconhecer desde a cadência dos Sermões de um padre António Vieira à ironia e à irreverência bem-humorada de um Alexandre O'Neill) criam momentos de reconhecimento literário, de decifração que habilmente se conjugam com o ato criativo, numa absorção transfiguradora de sentidos com que o poema a si mesmo se transcende. Veja-se, entre abundantes exemplos centrados na questão da identidade, um poema como «A Quem Perguntar Quem Sou?», de *Produto Interno Lírico* (2004), em que é difícil não escutar, bem audível, se apurarmos a memória literária, ecos de Pessoa:

Há quem me pergunte na rua  
se eu sou quem sou, e eu não sei responder,  
porque eu já não sou quem fui  
nem sei quem irei ser e odeio as rimas,  
iguais a esta, que se intrometem no texto  
empurrando-o para o lado da música, traiçoeiras,  
como se daí pudesse vir redenção ou resgate.  
Eu não sei quem sou, nem que alma tenho,  
ou sequer se a tenho, e, no caso de o saber,  
se deva confessá-lo de forma a que possa  
ser lido, repetido e usado contra mim. Eu não sei nada.

A tendência omnívora que marca a poesia de José Jorge Letria, que aproveita da tradição tudo o que lhe parece suscetível de se articular, ainda que ironicamente, com as obsessões da sua própria escrita, não exclui referências claramente assumidas, identificações admirativas ou sintonias que não se traduzem em *influenza* literária nem em mórbida atração ansiosa, de que parece ainda padecer certa crítica, incapaz de entender que o peso literário e cultural da tradição «já não é hoje o mesmo de antigamente e pode ser digerido sem excessiva má consciência»<sup>2</sup>. Curiosamente, Fernando Pessoa, que sabia de influências, não deixou de alertar para o facto, de senso-comum, aliás, de que «uma grande admiração não implica uma grande influência, ou, até, qualquer influência»<sup>3</sup>. Um livro como *Carta de Afectos* (1989), composto por um elenco de personalidades artísticas diversas cujos nomes dão título aos poemas, não é um catálogo de possíveis influências literárias. E também não é apenas celebração de feitos e obras ou exercício de meditação, por interposto homenageado, sobre o sentido da existência ou o próprio sentido da escrita. Esse livro representa, mais que uma homenagem a essas figuras, sob a forma de hino à respetiva obra e/ou à sua maneira de ser, uma partilha de conceções do mundo, uma solidariedade textual e um modo de estar na literatura e na cultura, concebidas como um diálogo permanente de discursos literários («Franz K»: «Tu sabes do que falo./ Usamos o mesmo código»), artísticos («Goya», «Chopin, 1831», «Coros de verdi», «Gardel»), históricos («António José da Silva», «D. Dinis»), políticos («Octávio»). Já o seu poema de fecho,

<sup>2</sup> F. PINTO DO AMARAL, "A tradição já não é o que era", *Românica* 5 (1996) 30.

<sup>3</sup> PESSOA, *Obras em Prosa*, Ed. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1974, p. 67.

«A Ira dos Poetas», contém a genealogia literária que implicitamente o escritor para si elege:

Por isso o Sena morreu azedo antes de desaguar  
na pátria a que tinha direito, por isso a tísica engoliu  
o Nobre e o Cesário antes de terem sequer idade  
para aposentação do bafiento escritório das palavras.  
Por isso o Ary estoirou com o fígado do tamanho  
das gigantescas mãos com que esbanjava amor e tonitruante  
ironia. Por isso a poesia que garantem que nos corre nas veias  
como enfermidade congénita é uma linfa agridoce,  
uma seiva densa e mortal que não serve para regar  
canteiros nem pomares prósperos onde a fruta  
da paciência começa a ganhar bicho.

Cesário Verde, mais que uma referência, é uma figura de culto, com declarações de apreço produzidas ao longo dos anos<sup>4</sup> e um longo poema onde a intertextualidade é imediatamente titular: *Cesário: Instantes da Fala* (1989), considerado por David Mourão-Ferreira, o autor do prefácio, um «compacto monumento intertextual». O poeta de «O Sentimento dum Ocidental», que o autor lia no verão que lhe levou o pai, contava então apenas 16 anos, haveria de acompanhá-lo, pairando para sempre como espectro protetor.

Figura (quase) ausente dessa *Carta de Afectos* é Raul Brandão, que me parece ocupar um lugar não desprezível na genealogia literária de José Jorge Letria. Leitor apaixonado de Raul Brandão,

---

<sup>4</sup> «José Jorge Letria: Cesário é uma paixão antiga» (auto-entrevista), *Jornal de Letras*, 11 de Julho 1989, p. 5.

considerou já *Húmus* um dos livros da sua vida. Do autor de *O Gebo e a Sombra* guarda a sua poesia, para além do espanto interrogativo face aos grandes mistérios da vida, núcleos temáticos e motivos estruturadores: o tema do duplo, o crepuscular, a morte, a nostalgia, o onirismo. Um dos traços marcantes que a sua obra poética vem afirmando radica, justamente, na mistura sabiamente conjugada entre um real de expressiva limpidez metafórica e um onirismo tendencialmente crepuscular, brandoniano, onde se funde o desejo da imagem ausente («e tu eras apenas névoa, imagem esquiva quando ousei chamar-te»). Saliente-se, também, a importância de uma construção imaginosa, com matizes próximas do realismo fantástico. Embora nem sempre isenta de ‘sabotagem’ tropelias da tecla irónica ou auto-irónica, que tem nesta poesia uma secreta intimidade com a dor, parece-me indagar essa construção um universo outro, numa espécie de reivindicação de mais mundo e de mais vida.

Sinais da herança de Raul Brandão acham-se pois ao nível de uma identidade temática, de signo agónico («Morro todos os dias um pouco mais/ naquilo que não escrevo»), e torna-se perceptível no entendimento do tempo como força oculta que vai avançando e corroendo, gastando, destruindo, enfim, fazendo o seu trabalho «no corpo, no pescoço das mulheres,/ nas orelhas pontiagudas e pálidas dos homens,/ na obscena flacidez dos seios». «A velhice escreve noutro poema centrado na duração lenta do trabalho do tempo faz apodrecer as palavras,/ enruga-lhes a pele e enegrece-lhes os dentes».

A convergência com Raul Brandão, especialmente sensível em livros de mais recente publicação ou ainda inéditos, verifica-se igualmente na construção de um imaginário literário

fundado numa coabitação interior com mortos e fantasmas. Sem chamamento prévio, «voltam um dia ao terreiro da casa. Batem à porta/ e anunciam uma presença feita de rumores e de pegadas». A convivência entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, inquietamente adjacentes numa poesia que se estrutura em função de um dialogismo desesperado, permite ao poeta virar uma página, a última, e deparar com a avó, «com um saco de moedas da Republica/ e um livro de rezas antigas», a segredar-lhe ternas palavras sibilinas («o melhor existe sempre daqui para trás») — é frequente a notação das vozes dos mortos), receber a visita noturna de Sêneca, surgido «com a brutal palidez dos moribundos» (queria saber «para que lado ficava Roma») ou (re)encontrar Cesário Verde, esse *habitué* da sua página poética, junto da capoeira do seu quintal e revê-lo, tempos depois, camélia na lapela, na Rua do Arsenal, com um ar bem mais saudável:

Era outro, estava morto e em trânsito  
para a cidade impaciente dos seus versos.  
Acenou-me vagamente, passou pela Rua do Salitre,  
para recolher uns inéditos, umas cartas,  
uns versos emendados. Dirigiu-se aos Prazeres,  
para não falhar a hora do recolher,  
que é a das novenas, ao crepúsculo.

A vida e a morte, cuja mescla é em *Húmus* objeto de uma celebração sem par na nossa literatura, são duas polaridades que frequentemente se defrontam neste território poético. Não nos deve, de resto, admirar a predileção do poeta pelo espaço

marítimo ou por configurações como o labirinto, a arena ou o palco, espaços da afirmação da vida, na sua variedade complexa, mas também do corpo em risco, em ferida ou em queda. Centro-me, justamente, no palco, com forte presença na sua obra poética, enquadrando a pluralidade dramática de um poeta que, tal como Raul Brandão, sabe que a felicidade desde o começo perseguida só é possível como ausência.

Na linguagem do teatro — espaço privilegiado para o «fingir» mas também para comunicar enigmas endereçados às experiências reflexiva e emotiva do espectador — encontrou desde muito cedo a poesia de José Jorge Letria o seu idioma. *Atriz incendiada* pela paixão de quem lhe empresta o corpo e dá a voz, ela recolhe das máscaras e das superfícies espelhadas em que se mira e remira (suportes únicos de uma identidade estilhaçada) o jogo de revelação e ocultação em que o «eu» se compraz, alimentando um teatro que ameaça *finar-se* no cansaço e no (impossível) silêncio. O anúncio de saída de cena é frequente: «A escrita está cansada das palavras/ que a povoam e impelem, das vozes/ que a agitam e embalam. É uma escrita/ exausta de sentidos» e, por isso, pelo poeta arrastada para a esfera actancial da morte:

Já quase tudo foi dito nos poemas.  
Por isso a poesia está cansada  
e vai ficando seca e minguada,  
tão sôfrega de ar e de luz,  
à medida que os dias escurecem  
e a estação do vinho e da fruta  
se aproxima vagorosamente do fim.

Póstumo de si mesmo «todos os poetas se tornam póstumos/ quando a obra se converte/ numa penosa repetição, num cerimonial/ de metáforas recuperadas,/ numa cangrena de sílabas» , ao poeta, sempre consciente do envelhecimento e da exaustão da própria poesia, resta esgotar até ao fim o elixir da morte provisória.

A repetição insaciada das mesmas temáticas, dos mesmos signos, dados através da integração do excesso da sua redundância como *valor*, como significante de um cansaço, um esgotamento, uma monotonia (variando obviamente com as situações contextuais convocadas), funciona ainda no próprio poema, sobretudo numa leitura conhecedora do conjunto da sua obra, com efeitos de reconversão semântica ou de dilatação discursiva dificilmente encontráveis noutros autores.

Para a morte, força prepotente e totalitária que chega a alcançar em alguns poemas a expansão verticalizante de um sepulcro, tem ensaiado o poeta não poucas definições:

[...] a morte só pode ser  
um peso de bronze a tolher a língua,  
a convocar a fala para lugar perpétuo.

[...] a morte pode bem ser algo assim:  
um homem que escreve  
a finir-se entre resmas de versos,  
sem soro, antibiótico ou outra terapia  
que possa salvá-lo [...]

Polo de repulsa e de fascínio, a morte, cujo fazer se centra nos esquemas da erosão e da corrupção, é o ator disseminado

da sua página poética: «estiolar», «empalidecer», «apodrecer», «consumir», «fêner» «definhar», «finar», «desfazer» são verbos que ocorrem na poesia de José Jorge Letria com uma frequência inquietante. Condenado a dizer «eu» até ao dia do *colapso final* e dizê-lo é viver sob a mácula da finitude (a minha morte) , a representar-se como objeto da temporalidade degradadora, resta ao poeta, na sua fome de vida intensa, «correr à frente do tempo,/ ávido de vida como um doente desenganado».

O autor de *A Tentação da Felicidade* fez da memória o seu alimento primeiro e do excesso a sua medida. «Nada como o excesso» afirmou Shakespeare um dia. E José Jorge Letria, autor de muitas escritas, poeta de muitos «eus», seguiu-lhe o conselho. Álvaro de Campos, outro poeta por ele tão revisitado, que terá seguido o conselho de Shakespeare, dizia que «fazer arte é confessar que a vida ou não presta ou não chega»<sup>5</sup>. Para o heterónimo de Pessoa, a vida não prestava nem chegava. Para José Jorge Letria, pese embora a pulsão noturna que frequentemente o coloca à beira daquela zona perigosa em que a criação se arrisca a ceder à morte, a vida presta mas uma não chega.

Mudando sucessivamente de máscara, para dilatar a vida que lhe «sabe[-me] cada vez a menos» e dar forma às personagens do seu drama, o poeta (sobre)vive, entedia-se, fatiga-se, desfalece e morre, para logo voltar a ressurgir pela palavra poética, não sem algum constrangimento e (auto)ironia:

---

<sup>5</sup> PESSOA, op. cit., p. 239.

Já morri em tantas mortes que não sei  
como tenho ainda cara para aparecer  
a mim próprio com fingimentos  
de assombro

Morrer e renascer são verbos-chave de uma obra poética que iniciou com *Mágoas Territoriais* uma via-sacra que vai da euforia negra ao desencanto exasperado, da força utópica de viagens infíndas, potencialmente resgatadoras, ao desalento anoitecido, da descrença em tom maior à devoção murmurada. Como passos mais marcantes de um desígnio de redenção individual que não despreza o coletivo nem as possibilidades do Homem, bem ao contrário, contam-se títulos como *Corso e Partilha*, *Capela dos Ócios*, *A Tentação da Felicidade*, *O Dom Intranquilo*, *O Livro Branco da Melancolia*, *Os Mares Interiores* ou *Não Há Poetas Felizes*.

Corpo vivo e sôfrego, magma que se expande numa torrente verbal desdobrada em metáforas e imagens de direções múltiplas, onde correm, sem fadigas, temores e inquietudes, a poesia de José Jorge Letria é, na sua exuberância, misto de dor e satisfação criadora, entrega generosa e celebração do próprio ato de escrever, como bem viu José Augusto Seabra<sup>6</sup>.

De 40 anos de trabalho poético recolhe esta antologia cem poemas, distribuídos por quatro partes que, no seu conjunto, se assumem como uma peça una e indivisível, num contraste com a imagem de um poeta que, não tendo, como Fernando Pessoa, «uma identidade/ plural um leque de nomes a abrir-se,/

---

<sup>6</sup> J. A. SEABRA, «José Jorge Letria ou a celebração da escrita»: *O Fantasma da Obra II. Antologia Poética (1993-2001)*, Lisboa, Hugin, 2003, pp. 7-18.

imenso, em direcção à luz», a si mesmo se intitula vário. A personalidade multifacetada de José Jorge Letria — homem de experiência múltipla, jornalista, escritor para a infância e a juventude, dramaturgo, ficcionista, cronista, historiador quando é preciso (sempre o poeta fascinante) — reúne as condições necessárias para protagonizar esta divisão. De personalidade e genealogia poéticas nos fala o **Prólogo**, primeira parte da peça antológica, a oferecer um breve mas significativo perfil literário e humano do poeta.

Entram então **Personagens e Rastos de Ausência**. Às figuras temáticas do desencontro e da perda, à própria figura paterna cuja face o poeta desesperadamente procura e a quem reserva «um papel maior/ no teatro da [sua] memória devassada,/ posta em cena, feita livro», ao leitor, esse «duplo temível» que se quer íntimo, cúmplice, vêm juntar-se outras figuras. Umhas pousadas em retratos, sempre arquivados em negativo, outras que se exprimem com a fala única da maldição — de ser poeta.

À seleção e organização dos poemas presidiu algum ensaio e trabalho de interpretação e de *raccord*, na tentativa de iluminar nexos entre os temas e os motivos mais insistentemente afirmados pelo autor, de trazer à cena ritmos diversos (entre a ferocidade e a acalmia), diferentes tons (o de quem vertiginosamente se confessa e o de quem prefere a (auto)ironia e o sarcasmo, ora amargo, ora exasperado, à confissão e à sinceridade afinal impossível), iluminações distintas, da luz verbal, capaz de iluminar, em clarões, a opacidade da existência, às luzes mínimas que convêm a um teatro sombrio. Pese embora a necessária planificação, não se trata de uma manipulação da obra poética de José Jorge Letria nem de a converter no que

ela já é: um espetáculo encenado pelo seu autor. Trata-se, assumidamente, de oferecer ao leitor uma visão global e estruturada das linhas que compõem o travejamento essencial da sua poética, na consciência de que toda a escolha e critério implicam sempre alguma violência e algum erro. Uma antologia não pode esperar outro enredo.

Teve-se em conta, por outro lado, a representatividade dos poemas como etapas de um percurso poético e a sua ligação com o que entendo serem as constantes desta poesia, que ora se separam, ora se interpenetram: o enigma do Humano, a trajetória pessoal de um «eu» movido por uma busca de desfecho feliz, a reflexão metapoética, a dramática meditação sobre a Arte, seja através da consciência da fragilidade da própria escrita («Em nada do que digo me eternizarei»; «O que foi escrito viverá»<sup>2</sup>), seja através da incompreensão crítica: «Escreve-se para o desdém, para o vazio/ à espera de um dia, que pode ser o seguinte,/ em que alguém dirá: valeu a pena.»

Refletindo o universo poético do autor, a ‘peça’ desenvolve-se em torno de dois polos de sinal contrário, de manifesta extração romântica, regidos respetivamente por Eros e Tanatos: o polo vitalista ou projetivo (luminoso ou aspirando à luminosidade), em acordo com um «eu» que cede à *Tentação da Felicidade*, sem nunca conseguir saborear-lhe o gosto; o polo retrospectivo e nostálgico (sombrio em graus diversos) — pulsão de morte, pela recorrente constatação da saudade acumulada do que ficou por viver e por amar, pela entrega aos valores da noite. A auto-culpabilização macerante, tão presente na ficção de Raul Brandão, é usual:

É minha e só minha a culpa  
de quase tudo o que me fustiga:  
vivi de mais, amei de menos,  
escrevi de mais, esperei de menos

Entre ambos os polos está um «eu» dilacerado, de identidade perdida («Eu não sei quem sou, nem que alma tenho»), movendo-se febrilmente ora num sentido, ora noutro. No protagonismo solitário do monólogo ressoa, para lá do desamparo («até tu, poesia, me abandonaste agora») e de uma incurável orfandade, a entrega sem reservas ao seu *Dom Intranquilo*.

A forte presença do ator, colocado no centro da *cena* em *viva* movimentação, adequadamente vestido para a tragédia da impossibilidade do «eu» uno, não obscurece, no entanto, a presença significativa de um cenário — histórico, social, cultural — feito de arestas vivas (e de melodia), sempre prontas a dilacerar e a fazer aparecer «feridas ácidas», como muitos poemas aqui registam, que o poeta, impiedoso, *trata a sal e expõe ao vento*. A presença intertextual da poesia de Cesário Verde, com os seus «ácidos, gumes, ângulos agudos», aprofunda essas feridas.

Em fundo, para além do templo da Musa Noturna (muito frequentado por um poeta que vai derrapando da inquietação humanista para o desespero existencial), erguem-se templos em honra dos deuses benignos, claustros labirínticos onde a escrita, apta a desenvolvimentos ou transposições de tipo metafórico e imagístico, se expande numa sugestiva dinâmica barroca para que tende o discurso poético de José Jorge Letria. Considerem-se também os lugares da épica tradicional, deceptivamente perspetivada, labirínticas geografias dos afetos, que

não são apenas urgências do amor, mas urgência de penetrar nos «segredos insondáveis da profundidade», de modo a alcançar uma espécie de paz catártica, um ansiado halo redentor. Raros, mas não ausentes, são os lugares de júbilo.

Bastará percorrer os poemas incluídos nesta recolha antológica para se observar que o primordial motivo dramático da poesia de José Jorge Letria é o desdobramento do «eu», ser múltiplo: animal vário deslocando-se em apressada metamorfose interior «cavalo, albatroz, astrolábio, serpente marinha, castelo de areia», sempre hesitante entre a vertigem da loucura (um dos materiais da sua linguagem poética) e a ordem capaz de lhe devolver a forma humana que sempre foi a sua. Mas também «homem feito e desfeito», alongando-se até aos desvãos da infância; peregrino errante, de casa em casa, de quarto em quarto, de cama em cama; cavaleiro árabe; corsário dos instantes que lhe fogem das mãos; Ulisses, sem Penélope, eterno enamorado da Metáfora (a figura desencadeante da sua imaginação vocabular), navegando num mar de tinta; rei de todas as luas e também daquela que lhe serve de companheira de viagem, reivindicando a Utopia e a ilusão da felicidade como única glória; senhor e servo da Poesia, sempre desejada; camponês a fingir, celebrando Cesário. Enfim, partes várias de um sujeito destinadas a cumprir pelo único «eu» que há um inalcançável anseio de absoluto: «Eu podia ter sido marinheiro,/ pescador das pérolas que há no êxtase/ da palavra,/ eu podia ter sido tudo, mas acabei por desembocar numa baía/ com o assombro da infância». Outro anseio não seria de esperar de um escritor que tem disseminado o seu talento por diversas formas de expressão literária.

Sublinhe-se, porém, que o drama de José Jorge Letria não é o de Pessoa, que queria ser um só: é o de querer ser muitos sem deixar de ser o mesmo:

Às vezes apetece-me começar a viver uma outra vida,  
com outro rosto, outra morada, outra identidade,  
sem contudo deixar de ser eu, sempre e só eu,  
e acreditem que gostava de ficar sentado numa esplanada,  
numa cadeira branca de palhinha, a ver-me ser outro  
sem deixar de ser eu, com os mesmos tiques,  
com a mesma exaltada paixão pelos timbres da palavra,  
com o mesmo vício dos livros

Sem tempo para interlúdios – tal é a pressa de escrever a palavra «Fim», uma palavra de fulcral consideração para uma leitura compreensiva da sua obra poética e que de novo nos põe em convívio com Raul Brandão –, as ficções deste poeta, enredadas na própria trama, não nascem de um vazio ontológico, mas de um excesso onde reverbera a poesia de Mário de Sá-Carneiro, a falar longamente na sua voz:

O meu teatro é irrepresentável por ser  
infinitamente suplicante. Explico-me:  
eu queria um palco do tamanho de uma vida  
para pôr nele quanto amo e quanto ódio.

O desdobramento noutros parece ter sido também a solução encontrada para o poeta coabitar com medos antigos que, juntamente com seres vindos de outros domínios da sua produção

literária (fadas, duendes, unicórnios...) acorrem igualmente ao palco para acalantar o que sobrou da sua infância.

De si fará também o espectador que segue atentamente os artifícios do ator, mais apto que ninguém a revelar a sua poética, lucidamente meditada. **Para Lá do Pano**, reflete o poeta sobre a vida, a escrita poética («como é dura a vida além da escrita») e sobre a Arte, que se afirma na sua obra como evidente sucedâneo de um absoluto a que confere a dignidade da Transcendência. Aqui se despe da sua própria ficção, oferecendo-se ao leitor (quase) sem disfarces.

No jogo de forças tensas que atravessa esta poesia, a oscilar entre a pulsão noturna — estranho desejo de morrer(-se) que é, na verdade, desejo de produzir(-se) outro(s) — e as várias máscaras que a angústia impõe, pode acontecer que o leitor seja deixado às escuras. Por pouco tempo, que o teatro de José Jorge Letria não permite a tragédia silenciosa da desistência:

Acendem-se as luzes de repente  
e toda a escrita se ilumina  
para receber em festa os fantasmas da desordem.  
Um poeta sabe quando há-de parar.  
A escrita sussurra rente ao coração  
as últimas rezas da aflição da noite.  
Talvez nasça um livro deste caos

Deste e de outros livros, que adivinho pessoalmente guardados, o futuro certamente nos falará.

Teresa Carvalho

(Página deixada propositadamente em branco)

# PRÓLOGO

(Página deixada propositadamente em branco)

Tomem-me pelo que sou: escombro que afronta  
com intrepidez animal o desafio da luz.  
Meço-me pela espessura do que digo,  
dilacero-me na enredada trama do que conto.  
Até chegar aqui tudo foi excesso e brasa,  
chaga impalpável, exultante ofício.  
Mata-me laboriosamente esta pressa  
de cumprir o desígnio da mão  
escrevendo tormentosa quanto crê saber.  
E sabe tão pouco. Ciente de tudo está  
quem lhe tece o rumo sobre a página.

## A MINHA LINHAGEM

Sou de uma estirpe desavinda com a terra,  
de uma dinastia de comerciantes  
que vendeu carne aos balcões  
de mármore dos bairros populosos e honrados,  
de uma linhagem de heróis de basófia,  
de suicidas em poços de quintal,  
de tias-avós dizimadas no viço da idade  
pelas epidemias do alvorecer do século.  
Aqui venceram-nos as mortes, eu sei,  
mas pouco ou nada se sabe deles  
porque não há quem lhes perdoe a ousadia  
de terem partido antes de darem à vida  
a substância ofuscante da riqueza.  
Eu nasci incapaz de qualquer comércio,  
armado com o estilete branco  
da ironia e da impiedade militante.  
Hoje, depois de uma soberba credulidade,  
só pela descrença me deixarei matar.  
Andou um pai a criar um filho  
para se esvair assim no fel deste sarcasmo  
que rasga as entranhas por fora e por dentro  
como se nada houvesse já para ser poupado.  
A minha insubmissão é uma cadela  
esfaimada a morder as sombras

dos fantasmas da casa,  
conluídos no átrio da penumbra do sono.  
A minha linhagem é a dos pícaros,  
dos que sem mesquita ou sinagoga,  
à mingua do consolo dos templos,  
se desencantaram até à exasperação  
e se multiplicaram até à suprema desmesura.  
Pago alto a factura deste excesso  
que é uma vida a perseguir outra vida  
dentro de um livro de vozes  
que mão alguma ousará escrever.  
Sou de uma dinastia mitómana e peregrina,  
migrante e gulosa, que engordou  
com as farinheiras cristãs-novas das ceias  
nocturnas regadas a vinho novo  
e se empanturrou, burguesa e suada,  
com os pratos opíparos dos baptizados.  
Hoje celebro com água a morte em mim  
de toda a raiz de que provenho.  
Estou por minha conta, febril,  
rafeiro moribundo nas azinhagas da noite,  
pequeno corsário dos instantes  
pirateando afectos nas camas sem alma,  
nos corpos sem dono, nas injúrias sem destino.

Sou de uma estirpe sentimental,  
entronizada a sul num patamar de júbilos  
tão efémeros como paixões de Agosto.  
Desfaço-me em lágrimas com a facilidade  
de um intruso presenciando a sua própria morte  
num filme indiano em reprise eterna.  
A minha grandeza é uma virtude vil,  
um demónio enleante e soturno que persiste.  
Sei que do outro lado é a loucura  
que me espera com os seus rituais dúplices  
e os seus timbres ecoando nas abóbadas.  
Sou a última coisa por que me bato,  
e é nas corolas emurchecidas deste sangue  
mais antigo que o húmus dos pomares  
que desaprendo os rumos que a razão me impôs.  
A minha linhagem é um fogo extinto  
pelo sopro endiabrado da boca do vento.

## NOME DE PAZ SABENDO A MAR

Eu não estive nas batalhas, não fui herói,  
não saí medalhado dos subterrâneos  
da cegueira das toupeiras. As minhas chagas  
abriram-se e fecharam-se durante o sono,  
num milagre que a razão não explica.  
Não tenho histórias de guerra para contar.  
Andei perto, passei ao lado,  
fui contemporâneo das mutilações,  
dos temores e dos exílios, dos vivos,  
das peregrinações e das promessas.  
O meu país envelheceu à sombra  
das árvores que eu não plantei,  
das catedrais que eu não ergui  
sobre o chão árido das pelejas antigas.  
A minha guitarra calou-se de tristeza  
numa praça deserta de canções.  
Esvai-me como um sangue espesso  
pelos interstícios da pele ressequida  
onde gravei um nome de paz sabendo a mar.

## QUEM ME FEZ SEM FÉ

Se Deus existe, fez-me sem fé,  
inapto para a crença e para a bondade da prece.  
Infelicidade a minha. Miséria a de quem  
nasceu assim, vazio de quase tudo  
o que mereça um olhar apontado às estrelas,  
uma devoção murmurada sob a forma de queixa.  
Como posso eu implorar perdão  
se não sei onde, como e por quem pequei?  
Como posso eu pedir a dádiva da salvação  
se nem sequer tenho a certeza de querer ser salvo?

Deve ser bom ter a quem rezar,  
nem que seja às divindades múltiplas  
e impalpáveis das águas, dos ventos e das luzes.  
Eu nasci sem fé. Ponto final.  
Talvez Deus se tenha esquecido de mim  
na hora de distribuir pelos humanos  
a oferenda imperecível da submissão e da crença.  
Talvez eu estivesse a dormir ou, quem sabe? ,  
não tivesse ainda saído do ventre materno.  
Tudo é possível. Mas atrevo-me a perguntar:  
e se Deus, simulando este imperdoável esquecimento,  
me tivesse dado o verso para eu falar com ele  
imaginando que é comigo que falo?

Só no fim de toda a escrita  
poderei ter certezas a este respeito. Quem  
estará lá à minha espera  
quando já não houver mais palavras para dizer?

## A QUEM PERGUNTAR QUEM SOU

Há quem me pergunte na rua  
se eu sou quem sou, e eu não sei responder,  
porque eu já não sou quem fui  
nem sei quem irei ser e odeio as rimas,  
iguais a esta, que se intrometem no texto  
empurrando-o para o lado da música, traiçoeiras,  
como se daí pudesse vir redenção ou resgate.  
Eu não sei quem sou, nem que alma tenho,  
ou sequer se a tenho, e, no caso de o saber,  
se deva confessá-lo de forma a que possa  
ser lido, repetido e usado contra mim. Eu não sei nada.  
Eu acordo orvalhado como uma folha  
calcificada nos bordos pela violência do sol  
e enxugo a boca com a toalha da mesa  
e os olhos com as costas da mão.  
Sempre às escondidas.  
As minhas lágrimas sabem a mar,  
porque eu trago o mar na carne  
e o meu peito é uma fúria de ondas  
assaltando a terra durante o sono dos homens.  
Eu movo-me nos círculos da insónia  
como um animal enlouquecido, alucinado  
por aquilo que o instinto lhe segreda.

Há quem me pergunte quem sou  
e eu respondo que sou o que escrevo,  
pois, fora do que escrevo, o que existe de mim  
é um turbilhão de lava a engolir as dunas. Nada mais.

## QUANDO O SOL DECLINA

Perguntam-me por que falo tanto de meu pai,  
porque faço dele, há tanto tempo,  
o parceiro da fala que o verso anima.  
E eu respondo: fiz-me poeta  
com a sua morte súbita e traiçoeira.  
É pois natural que lhe reserve um papel maior  
no teatro da minha memória devassada,  
posta em cena, feita livro.  
O meu pai gostava que eu escrevesse,  
mas temia que a poesia me desviasse  
do que achava ser essencial: a carreira.  
Nunca a poesia me afastou, garanto,  
do que quer que fosse. Por vezes, operosa,  
foi de mim que me afastou, cavando  
um fosso entre o que sinto e o que escrevo.  
O meu cansaço nada tem a ver  
com o excesso da minha escrita.  
É filho da fadiga que este tempo  
me causa, da náusea que em mim provoca.  
Deixo-me aprisionar nos pequenos círculos  
onde a intriga e o ciúme ditam leis,  
e é tão exíguo e tão perverso esse mundo,  
mas é preciso frequentá-lo para que a obra nasça.

Como se enganam os homens de acção.  
Morre-lhes a alma em cada gesto,  
mas persistem em estar nas praças quando o sol declina.

## COMO NAS HISTÓRIAS

Gostava que fosse como nas histórias.  
“Era uma vez” e depois entravam as personagens,  
umas para trair, outras para amar,  
outras ainda para serem só figurantes,  
criaturas menores para sustentarem  
a ossatura do enredo. Umhas haviam  
de morrer de morte natural, outras  
em circunstâncias confusas e trágicas  
como a Marilyn na sombra dos Kennedy,  
outras ainda no meio do palco  
como os heróis se Shakespeare ou de Victor Hugo,  
com sangue a fingir colorindo as roupas  
e os longos mantos de veludo negro.  
Gostava que o poema contasse uma história  
e que essa história fosse sempre e só  
a minha, biografia apócrifa  
de um desencantado da vida,  
de um ser confessional e dúbio  
que ainda hoje se compraz a ser  
o mais dedicado espectador  
de tudo o que, sem exceção, o faz sofrer.  
Gostava que fosse como nas histórias  
e que antes da palavra “fim”  
houvesse um anjo de olhar trocista  
em piruetas de circo para me fazer rir.

O VERÃO  
(GIUSEPPE ARCIMBOLDO)

Para mim foi sempre isto o Verão:  
uma orgia de frutos,  
um labirinto de aromas,  
um dédalo de cores com cadência de ondas,  
em fundo, tudo fazendo correr  
na direcção do mar, como uma fatalidade.  
A ciência de Arcimboldo, sim, a ciência,  
nunca esteve no modo como combinou  
frutos e legumes para criar  
a ilusão de vida em rostos surreais,  
só reais como a imaginação dos alquimistas.  
Em Praga riam-se dos seus jogos visuais,  
dessa ilusão que criava com pepinos,  
azeitonas, maçãs, pêssegos e laranjas,  
mas o pintor não se importava,  
pois um quadro seu, sendo comestível,  
bastaria para debelar o escorbuto  
de uma armada com tanta vitamina.  
Revejo-me neste retrato de Verão  
como me revia no quintal da minha avó,  
imaginando o mundo como um cesto de fruta  
cercado de céu e de mar até à loucura.

(Página deixada propositadamente em branco)

**PERSONAGENS**  
**E RASTOS DE AUSÊNCIA**

(Página deixada propositadamente em branco)

## MALABAR

Espectador de água e lava,  
sinto-me a metade mais inquieta  
deste território de sombra  
onde nem sempre a ocultação  
se torna possível. Malabar,  
é a mim mesmo que faço desa-  
parecer com engenho de dedos  
e sílabas rebeldes retomando,  
para espanto dos olhos,  
a forma humana e fustigada  
que, a bem dizer, nunca deixei  
de ter. Meço-me a palmo com  
ágeis mãos de sobressalto  
e redescubro-me a amar  
a outra metade de mim  
que, na ilusão das luzes projec-  
tadas, se dilui e divide  
para que o espectáculo não pare.

## O ACTOR

Este actor que agoniza na memória  
dos teatros diurnos  
usa uma máscara aterradora  
igual à minha cara quando sofro,  
quando me deixo consumir  
pelo tumulto das horas das esperas,  
pelo denso azedume  
que implanta a desordem nas cenas  
insólitas e graves. O actor dirá  
por mim tudo o que eu não ousou dizer  
sobre o medo e sobre a deambulação  
dos olhos à superfície das águas,  
sobre os vestígios amarelos do tabaco  
nos dedos da mão direita  
da mão que adormece sobre a página.

## O POETA SAUDÁVEL

É claro que recebi a tua carta:  
mandou o Cesário dizer  
ao seu amigo Macedo Papança,  
e já a doença lhe minava os pulmões,  
o desassossegava com a sua febre  
baixa, corrosiva.

Não sei por que me obstino  
em convocar o Cesário  
para a mesa alta e limpa do texto,  
feita de mogno e enfeitada  
com hortênsias e açucenas.

Escorre do verso a humidade pegajosa  
das casas enfermas. Liberta-se  
dos lençóis o cheiro do éter  
e dos xaropes caseiros.

O Cesário escreve  
como um poeta saudável, e o ar  
que sai dos poros da sua escrita  
é leve como um rasto branco  
de ave marítima.

## HABITANTES DOS RETRATOS

Quem pode imaginar o destino  
dos habitantes dos retratos? Diz-se:  
estavam tão felizes neste dia; ou apenas:  
quem havia de dizer que depois seria assim?  
Perfilam-se nos retratos com a serenidade  
aterradora dos eternos vencedores  
ou dos perpétuos vencidos; mais tarde  
será a doença ou a viagem, a distância,  
a trágica vizinhança do abismo

Alheiam-se do tempo em que sorriem  
sossegados, como se lhes sobrasse  
a vida toda para olharem as lentas câmaras  
que lhes confiscam o sonho familiar  
ou solitário de uma outra, impossível idade

## O LEITOR

O leitor aprende-se no que lê  
recita-se no que não escreve  
completa-se no que imagina ser  
o seu enredo é o dos parágrafos  
onde o labirinto da fala se insonoriza  
programa-se para uma vida  
e acaba por durar uma página

O leitor adormece nas catedrais  
supondo que não chegou a sair do livro  
e quando acorda já é personagem  
e quando regressa pensa como pedra  
e quando parte é em si que fica

O leitor trava duelos mortais  
com as sombras do que lê como se fossem  
antagonistas reais que não desvenda

O leitor decora as datas de outras mortes  
mas é sempre a sua que teme  
é sempre a dos outros que prefere.  
Por isso é amante das ficções  
com o corpo ancorado na leitura

O leitor é o duplo temível, o espelho  
que prolonga e completa a voz,  
o rumor de dedos abafando o grito  
da máquina que lhe fala e o descreve

## A ACTRIZ INCENDIADA

Desaparece, como puderes, no meio  
dos sobressaltos do vento e da espuma  
e, se tiveres uma visão, que seja  
a das sombras amotinando-se  
contra a mitigada luz que as mantém  
cativas e ténues. Liberta-te da chuva, agora,  
das suas estrias húmidas, da sua geometria  
lisa e límpida, e proclama sem medo  
o prodígio do sol sobre as areias,  
no grande palco do silêncio das vozes,  
atriz incendiada pela volúpia do estio.

MULHER A CHORAR  
(PICASSO)

Porque chora esta mulher  
de rosto fragmentado e colorido?  
Será que pressente a tragédia  
monocolor de Guernica, o sangue e o grito,  
o fogo vindo do céu, a súplica vinda da terra?  
Será que chora por tudo aquilo  
que ouviu contar, por tudo aquilo  
que lhe roubou o sono e o brilho dos olhos?  
Se beleza existe neste rosto inclinado,  
neste olhar oblíquo e baço  
é no esgar da boca que se dissolve,  
é na aflição dos dedos que se desmente.  
A mulher que chora é Espanha  
garbosa, saborosa, arrebatada  
a chorar os irmãos mortos pelos irmãos  
na tragédia civil das baionetas  
trespassando os corpos fora das arenas.  
É Espanha desgostosa a coleccionar imagens  
para a grande tela da dor de uma pátria  
a morrer em silêncio às portas das catedrais  
que Deus, inclemente, deixou de visitar.

## TERREIRO DA CASA

Tem a juventude os seus fantasmas e aparições.  
Voltam um dia ao terreiro da casa. Batem à porta  
e anunciam uma presença feita de rumores e de pegadas.  
Dizem ao que vêm, mas são intraduzíveis  
os murmúrios da boca entreaberta. Clamam  
por uma atenção que ninguém ousará dar-lhes.  
Querem um anfiteatro, um palco iluminado,  
um cenário cintilante de comédia burguesa  
ou apenas uma cortina negra, pesada de tragédia.  
Perguntam: lembras-te do dia em que amámos  
a areia e o vento com a lentidão vegetal  
de uma pétala a morrer nos lábios?  
Quem ousará responder-lhes?  
Mostram um livro ou uma carta  
e partem como chegaram: passos velozes  
sobre as dunas galgando tempo e lembrança.

## ESQUIVA-SE A FELICIDADE

Esquiva-se a felicidade  
pela portas destes dias, fugidia,  
despenhando-se das bermas, das falésias,  
num suicídio de luz que a voz não detém.  
Estamos ainda vivos nos retratos,  
nas encomendações e nos recados,  
no brando pulsar do coração  
dentro das pequenas caixas de sândalo  
que guardam o tabaco e as pétalas mortas.  
Um mês como este não se esgota  
na euforia de uma noite.  
Tu, minha rosa incendiada  
pelos lumes altos da insónia,  
nem sequer consentes que te nomeie  
à mesa de todos os manjares.  
A tua distância é a minha morte,  
o meu suplício de entreabrir portas  
que dão para o vazio das grandes ausências.  
Eu ando a entardecer na fúria deste tempo  
e não sei o que te diga, o que te faça,  
para além de te dissipar como um óbolo,  
uma oferenda, uma herança ferosa.  
Esta noite dá-me a medida  
do desamparo pleno que em mim se acolhe.

## O AMOR TUDO MATA QUANDO MORRE

Eu morro dia a dia, sabendo-o, sentindo-o,  
com a morte do amor em mim.  
Esvaiu-se, ensandeceu, partiu,  
espécie de sol sepultado por mãos ímpias,  
numa cratera de lua, algures,  
ou na tristeza de um retrato emudecido  
pela ausência de vozes em redor.  
Sem ele, a casa ficou deserta  
de risos, acenos e afectos, de tudo,  
as mãos ficaram ásperas, secas,  
a pele do rosto gretada, fria,  
e o sangue tornou-se lento e espesso,  
incapaz de dar vida às pequenas folhas  
orvalhadas da imaginação das noites.  
A erva cresce em redor de mim,  
os limões ficaram ressequidos sobre  
a toalha bordada, num canto da mesa.  
O amor tudo mata quando morre,  
detendo no seu movimento elementar,  
a máquina que ilumina o coração do dia.

## DO OUTRO LADO DOS LIVROS

Pressinto-te do outro lado dos livros,  
no outro extremo do sentimento dos versos,  
com o gume finíssimo de um sorriso,  
como se tivessem asas as cartas  
que, de tão tardias, não chegas a escrever.  
Existes. Demoras-te a existir,  
pequena corça dos meus sonhos  
entreabertos sobre o anil das manhãs.  
Vens e entras na arena breve  
do meu sono tormentoso e vago  
com os pés de névoa  
que só as estrelas e as aves sabem usar.  
Um instante bastará para que te vás,  
sombra duplicada pelos espelhos,  
luz multiplicada pelos olhos,  
fala ecoando na campânula dos nomes,  
e levarás contigo a essência e a matéria,  
o motor sensível desta escrita,  
condenando-me ao desamparo absoluto  
que só a desolação da chuva deixa perceber.

Agosto, lembro-me, tinha um tambor a tocar  
uma moda africana da Baía  
e eu trazia no bolso um colar de osso  
para te enfeitar o peito e um amuleto  
guerreiro para te dar a paz.  
Falámos das casas invadidas  
pelos sons do forró e da paixão  
e assim se tecia uma atmosfera  
enleante e limpa, uma saudade anterior  
a todas as partidas, um amor maior  
que todas as ausências. Falámos das casas  
e do odor das ervas aromatizando  
as bocas e os livros. Eu trazia no bolso  
a primeira sílaba do teu nome  
impronunciável e sonoro e tu amavas em mim  
a súbita revelação de que tudo é possível  
quando a felicidade assedia as cidades,  
quando o trópico escreve na noite  
o desejo suplicante que há em nós.  
Eu trazia um colar de estrelas  
para te pôr nas mãos, uma réstia de musgo  
para te cobrir os olhos e tu eras apenas  
névoa, imagem esquiva quando ousei chamar-te.

## DEBAIXO DOS PÉS SE LEVANTARÃO

Virás, seguindo o meu rasto,  
sob o impulso de um desejo antigo,  
para que de novo as camas se desfaçam  
e a tenaz das pernas aprisione  
a corça iluminada que persegue  
a própria sombra sobre o cenário azul  
de uma tela distante do olhar.  
Depois chegarão os parentes, alguns amigos,  
e debaixo dos pés se levantarão  
as lebres da intriga que envenena.  
Quererão saber quem és,  
de que história saíste,  
que mãos te moldaram,  
que boca te deu nome e rumo.  
Partirão feridos pela dúvida.  
Só existes no fogo do que digo,  
nas páginas do que desvendo,  
na euforia negra do que oculto.  
Em mais nada. Ofereces-me  
os cadernos em que te escrevo,  
em que te descrevo  
com o pormenor balbuciante e febril  
de quem retrata a dor que o fere,  
de quem nomeia a dor que o mata.

## COMO UM MANTO DE SAUDADE

A minha terra é uma baía  
cercada de casas por todos os lados.  
Sou do tempo em que os pescadores  
saíam para a faina e para a morte  
deixando mulheres de luto  
a salpicarem a praia com o negrume  
de uma surda e infinita dor.  
Já pouco resta desse tempo e dessa mágoa.  
Hoje é nos retratos que reencontro  
o que a minha terra e eu  
éramos nesse tempo tão minguado de esperança.  
Eu parti e voltei sempre, nunca faltei,  
que o retorno é uma sina, um destino,  
uma promessa que a vida se encarrega de encobrir.  
Hoje, o dia vestiu-se de cinza  
como naquelas manhãs em que os pátios  
eram lavados pelas lágrimas  
de quem não desistia de esperar.  
O ciclone que a minha avó anunciou  
veio muito depois da sua morte  
e arrancou telhas e matou galinhas.  
Eu escondi-me dentro de um armário  
com medo de ser levado por um rajada  
para o lado mais bravio de um mundo ignoto.

Já não resta nada desse tempo,  
a não ser o crepúsculo da minha terra  
com as gaivotas a trazerem a noite  
na ponta dos bicos, como um manto de saudade.

## CONTACTO

Eu chamo-te e tu não me ouves.  
Estarás atrás daquela estrela, disfarçado,  
ou oculto numa nebulosa  
à espera da palavra que te resgate?  
Eu chamo-te e tu talvez me oiças  
mas não possas responder-me  
porque o vazio da noite não permite  
a partilha de sons e de afectos  
a uma tão grande distância.  
Às vezes bastava-me olhar para o céu  
para ter a certeza de que observavas  
todos os meus gestos, todos os meus passos.  
Era como se as nuvens guardassem  
um sorriso teu no seu bojo de ventos e de chuvas.  
Adormecia tranquilo no agasalho dessa crença.  
Guardo numa gaveta da escrivaninha  
a tua carteira, os teus óculos, o lenço  
que usavas no dia em que partiste.  
E já lá vão tantos, tantos anos.  
De repente dei pela falta dos teus telefonemas,  
das perguntas inquietas que me controlavam  
as horas e as errâncias. Tinhas medo,  
um medo terrível de me perder,  
e afinal fui eu que te perdi. Dizem que foi

a vontade de Deus. E agora eu chamo-te  
e tu já não me ouves. Ou será que ouves  
e que a pequena estrela pálida, trémula, esquiva  
que me ilumina a manhã é apenas  
uma forma de o céu escrever a palavra Pai?

(Página deixada propositadamente em branco)

**CENA VIVA**

(Página deixada propositadamente em branco)

## TANTAS MORTES QUE NEM SEI

Já morri em tantas mortes que não sei  
como tenho ainda cara para aparecer  
a mim próprio com fingimentos  
de assombro, eu que perco todos os dias  
as chaves de vidro com que me abro  
e fecho por dentro, tão bem fechado  
que esqueço até a liberdade mínima  
de um grito ou de uma queixa,  
a inocência branca de uma pétala  
à deriva no mar morno dos teus lábios.

## CONSUMAÇÃO DA ESCRITA

Eis o que me apetece:  
escrever desalmadamente  
embriagar-me de adjectivos  
como se um ópio discreto  
me tolhesse os movimentos  
e a transparência ilusória das palavras.  
É uma espécie de hemorragia lenta  
esta pressa com que me derramo  
no que escrevo e me desdigo  
e desminto no que digo  
ou no que sinto: hemorragia  
contabilizada em sílabas e nomes  
dilatada artéria por onde  
me vou esvaindo até  
à consumação da escrita

Ponham os talheres de prata na mesa  
e deixem luzir as porcelanas e os cristais.  
Deixo vago o meu lugar no topo, ao lado esquerdo.  
Sentem nele, na minha cadeira baixa, a imagem  
que restar de mim e não me peçam revelações,  
nem sonetos, nem engenhosos alexandrinos.  
Fui ver a descarga das fragatas a naufragar  
na tormenta calada dos becos do assombro.  
O meu apelido é uma cor de fruta, um aroma  
camponês e limpo, uma hemorragia de seiva  
a escorrer-me dos lábios. Quando vierem buscar-me  
ver-me-ão ao longe a ultimar o comércio  
da minha partida, jaquetão ao ombro,  
numa pressa de viver que até faz doer os versos.

## FOTO COPIA DOR

Fotocopio-me na duplicação  
do meu rosto desigual  
do dito e do não dito  
duplico a dor  
com a exígua e humilde máquina  
de resgatar memórias concêntricas  
com a exacta câmara  
que condensa o contraste  
sobrepondo o claro e o escuro  
nas suas múltiplas dimensões de luz

a minha imperícia é visível  
até no movimento do indicador  
sobre a tela ou sobre a água  
ou sobre o papel impróprio  
em que me refaço  
do desgaste de ser duplo

## O ARMÁRIO

O armário está fechado  
e eu estou lá dentro. Lá dentro não sou  
verídico, estou excluído  
da lógica de quase tudo porque  
não consigo ver-me, não consigo ver

Ganho asas para o voo  
a partir de um fingimento de ar,  
de um simulacro de espaço

Treme-me a mão e não sou pássaro.  
A minha febre teima em ser parceira  
de algumas noites e eu  
não gosto do seu cheiro, da sua vocação  
exibicionista para o delírio flamejante

Abrem-me o armário e eu já não respiro.  
Guardei a infância lá dentro  
num bolso do colete de meu pai.

Surrealizo-me e tenho duas cabeças:  
uma para olhar, outra para cortar.  
O que digo arde-me nos dedos,  
o que sonho dói-me nas virilhas,  
o que canto é um estertor

Ainda ontem me vi sentado  
numa esplanada a ver-me passar

## DE QUE VISÃO ME FALAS?

De onde vens? De que visão me falas?  
Assombram-me as personagens por não terem  
enredo em que se representem. O meu teatro  
já não é o do encantamento, o do sortilégio,  
o da farsa, o da figuração. Sou cúmplice  
das ondas quando operam o esquecimento e a fúria;  
sou cúmplice do vento, irmã da ira  
quando o que está em jogo não é o homem  
mas a sua imagem, a sentença que busca  
na boca dos rumores. Podia escrever  
coisas ágeis e breves, pequenas asas  
afagando o ar, mas não: aqui me têm enredado  
nos fios destes sentidos e toda a lógica que sei  
é a de um animal atormentado  
evadindo-se da armadilha de estar só

## DEPOIS DO HOMEM

Depois do homem vem a areia  
e depois da areia a ténue linha do horizonte  
que separa a chuva do caudal do rio  
e o crepúsculo do amanhecer nas aves  
e o sono dos medos que o fustigam.

A eternidade é um equívoco grandiloquente,  
uma ilusão astral para empertigar  
santos, imperadores e pitonisas;  
dilui-se no orvalho de uma folha  
alquebrada pelo peso do outono.

A eternidade é um instante de fogo  
ancorado num corpo que naufraga,  
uma ilha alucinada, embalada  
pelas ondas de um mar imaginado.

Depois do homem vem a areia  
e depois da areia a pedra lisa  
e depois o esquecimento sedimentado:  
imagens, fragmentos de luz, lembranças de água.

Finjo-me rei de todas as luas,  
pequeno rei balofo, desigual e impuro,  
à deriva num mar de peixes naufragados  
entre limos e enseadas de coral.  
Chamam-me de longe os meus amigos  
e eu avanço, trôpego, para o centro  
do círculo de luz onde o riso me sufoca.  
Que querem de mim? Eu sou órfão  
de todos os afectos e a minha paixão  
é um livro inacabado nos joelhos,  
é um palco à entrada de um século  
onde à força de ser moderno  
me sinto pujante e sem idade,  
menino de barro, de cristal e vento  
que em versos se desfaça até ser dia,  
que em rumores se desdiga até ser grande.

Pode lá haver maior triunfo  
que ser dois numa só fala?  
Como farei para explicar-vos?  
Sou, ao mesmo tempo, a árvore  
e a sua sombra, a água e o revérbero  
de lua, o fogo e a sua ausência  
no colmo, na palha, no linho.  
Que equilíbrio pode haver em ser  
disperso e desmedido como eu sou?  
Venha assim, em torrentes de azul,  
a poesia, e dê, com o seu murmúrio,  
sábio e deslizante, um nome  
a esta liberdade por que anseio.  
Eu voltaria a ser pequeno só para encontrar,  
no meio da loucura dos brinquedos,  
o príncipe que já fui a governar  
os sonhos como quem desvenda mundos.

Não pode haver zonas intermédias  
quando é a própria viagem que me separa de mim.  
Eu sou muitos com um só rosto.  
Não tenho como tu, Fernando (é a primeira vez  
que ousou tratá-lo assim), uma identidade  
plural, um leque de nomes a abrir-se,  
imenso, em direcção à luz.  
Eu sou eu e sou tantos que a fala  
com que me nomeio está fendida  
por alfanges e gumes de cristal.  
Desço de mim até ao fundo  
daquilo que pressinto e trago nas mãos  
sujas como o barro e com o oiro da terra,  
com a seiva e com o néctar dos deuses.  
Cerca-me o bolor de uma inércia latejante  
e as metáforas que uso são ardentes  
como o fogo dos anos abismados.

Eu queria ter a largura de um palco  
com a sua luz coada e o seu coro  
vociferante de tragédia, eu queria  
ser um cartaz luminoso com o meu nome  
fulgurante letra a letra soletrado,  
eu queria ser o amante das ninfas  
e das musas, das mulheres nocturnas  
que passeiam no Chiado a melancolia  
dos olhos sôfregos de beijos. Eu queria  
sei lá o quê. Queria representar-me,  
absoluto, num drama interminável  
em que fosse ao mesmo tempo  
actor e personagem, silêncio  
cortado pelo cutelo de um grito  
e depois deixar tombar o pano  
sobre o meu corpo exausto e branco  
e tratar a morte de um modo cúmplice  
como se tratam os amigos e os sonhos.

À custa de me querer uno, pulverizei-me,  
fiz-me tantos que agora não há  
cimento ou chumbo que restaure a coesão  
que eu era antes de ser outros, na véspera de ser múltiplo.  
Mesmo a cabeça esvaída não cessa  
de segregar a multiplicidade,  
a abundância de rostos em que me não revejo.  
Sento-me numa esplanada, aqui  
no Boulevard des Italiens, e que faço?  
Dou por mim, inerte, a ver-me passar,  
como se fosse possível ser ao mesmo tempo  
actor e espectador de um teatro brutal  
e inclemente. Se alguém, atraído  
pelo tumulto desta fala, quiser dar  
um tom elegíaco ao teatro da minha perdição  
que o faça escutando esta voz,  
tutelar e lustral, como a que vem  
de uma matriz erguida no coração das fontes.

De repente, a minha vida começa  
a sumir-se como a luz ténue  
que sustenta a claridade das lanternas.  
Se a minha vocação foi este exílio  
entrecortado por retornos e canseiras,  
quero que a minha morte  
seja uma morte de exilado.  
Não lhes darei tréguas. O meu fim  
há-de ser como eu quisier.  
Não se esqueçam de mandar  
os palhaços, os acrobatas, o fato andaluz  
bordado à mão com contas de oiro.  
O burro que eu pedi para me levar  
será o da grande teimosia  
que adiei nos afectos e nos sonhos.  
A um morto, lembrem-se, nada se recusa,  
que o seu estado é de beatitude plena.  
Esta esfinge gorda tornou-se aflitivamente  
dúbia: morre no que sente  
para reviver, eternizada, no que escreve.

Que toda a morte seja apenas este hiato,  
esta convulsão de instantes  
rente à extrema solidão da voz.  
E que a voz se exalte e enlouqueça,  
mitigado coro de tragédia, impronunciável  
como só os aterradores presságios  
sabem ser. O herói derrama no texto  
a sua claridade inclemente e estática  
e dá nome, no côncavo da boca,  
ao martírio que o fere e alvoroça.

Leve-se o atrevimento até à ímpia, total  
desocultação do rosto, em nome da escrita.  
Que sobra de mim? A que estádio ascendo,  
tão parco de agasalho e de saber  
que toda a mágoa me mutila, que  
toda a paixão me condena: amei mais  
do que pude, mas não tanto como quis.  
A minúcia do que digo arde-me nos dedos  
e nunca fui tão avaro e preciso  
no modo trepidante e circular de dizer.

Cresce um livro, em motim de falas,  
até onde a mão alcança, até onde  
a escrita chega. Leva no bojo arqueado  
o lume das metáforas, a respiração  
nervosa das imagens. Obstina-se este livro  
contra o tempo espartilhado  
que lhe comprime as margens e os rumos.  
É um livro enfermo, pressuroso  
que fustiga em repentines quem o escreve.  
Amanhã, diz, pode ser tarde,  
que o inverno dos pássaros já se acerca.

Anda a febre de um milénio  
com as suas máquinas e máscaras  
a desenhar em mim, na letra sibilina  
dos augúrios, o círculo de lava  
dos grandes teatros nocturnos.  
Cabe-me um monólogo ou um silêncio  
cerzido a púrpura? Deslizo pelo lado  
mais íngreme da fala, pelo que leva  
ao âmago do texto, e tudo o que ousou  
dizer é este pressentimento  
de uma consciência infeliz  
a explodir devagar nos interstícios.

Se pudesse amar-vos, era aqui que vos amava,  
mas eu tornei-me inábil para os afectos,  
incapaz de outra dádiva que não seja  
o sangue do verso na ferida da voz.  
Desencanto-me no que digo,  
fustigo-me em tudo o que confesso.  
Morre-se um pouco mais todos os dias,  
à míngua de um amor  
que alvorece e enfureça,  
que queime, mutila e enlouqueça.  
Eu já não sei amar, nem quero,  
mesmo aqui, onde o sentimento  
acasala com a memória do azul,  
só sou capaz de uma fugaz comoção.  
Não a das lágrimas, não a do coração  
a rebentar na câmara de som da garganta.  
Falo de uma outra comoção:  
da que se agiganta na escrita  
quando a palavra atinge o âmago de tudo.

Porfias, e tens-me onde me queres,  
ao lado da cama, junto ao parapeito  
da janela que dá para o rio.  
Acomodo-me. Podia ser de todos os lugares.  
Mas é aqui que fico ancorado,  
com a ausência suspensa nos braços  
e a ternura proscrita nos lábios.  
O meu exílio é um coração fendido  
pelo metal da voz que o desengana,  
é uma borboleta de pano  
esvoaçando, aflita, entre dois lumes.  
Aguardo a sentença da noite  
para saber se permaneço ou se parto.  
Todos os dias me deixo enlanguescer  
com a ilusão de que serei livre.

Quantas vezes perdi o domínio da mão  
que escreve, que afaga, que aponta.  
Deixava-me ficar enroscado num canto  
a pensar no que podia ter escrito  
e não escrevi, no que tinha  
ao alcance dos lábios e deixei escapar,  
do que tinha ao alcance dos dedos  
e deixei evadir-se pelo lado da sombra.  
Um dia, a mão que escreve esqueceu  
a beligerância e a revolta e usou as tintas  
para pintar um quadro com a fúria das marés  
e o ímpeto de uma onda alta  
a varrer o areal como quem purifica o rosto.

Morro todos os dias um pouco mais  
naquilo que não escrevo.  
Em nenhum teatro me quero representado,  
que a minha máscara é a do tédio e da fadiga.  
Estou cativo de um tempo alvoraçado  
em que tudo é interrogação e dúvida.

A descrença é uma música letal  
que mata devagar sem que deixe  
sinais visíveis, marcas de dedos  
errantes sobre a carne.

Animal incolor e subterrâneo  
é o que cresce à sombra dos dias  
e grava na fala um silêncio  
enleante e vagaroso.

Anda um livro a escrever-me com vagar de escriba,  
com paciência de artífice arqueado sob o peso do olvido,  
e eu quieto a vê-lo escrever-me, página a página,  
minúcia artesã de quem tece a memória do texto  
e revê nele as ondas e as águas, as íngremes veredas,  
as alamedas da sombra, do fogo e do vento.

Anda um livro a evadir-se da sina de escrever-me.  
Perco-o no labirinto de um claustro  
e assisto à chegada do Outono,  
acocorado entre as sebes a contar as horas  
de uma espera como quem conta as estrelas  
loucas de outro inatingível céu.

Eu saía de cena no teatro das nuvens e ousava  
pronunciar esta fala: até tu, poesia, me abandonaste agora.

## A VOLÁTIL SUBSTÂNCIA DO SONHO

Eu havia de escrever o meu nome  
na quietude branca da porcelana antiga  
e antes que tudo acabasse  
havia de tacteá-lo com o grande vagar  
dos pássaros sonâmbulos  
só para me lembrar das cores das cidades  
baloçando na febre dos canais.  
Dava por mim e tinha a idade do meu pai  
neste retrato apodrecido pelo bolor  
numa manhã deslizando para as águas.  
Eu tinha nascido havia pouco  
e a minha insónia era já uma doença  
acordada no delírio dos tambores  
que ressoavam das ameias.  
Que queres ser quando fores grande?  
Eu tinha o voo largo das borboletas  
que desfalecem na armadilha luminosa  
das lâmpadas sujas de pó. Acabara de nascer  
e já quase tudo me doía: o motor da fala,  
o nervo do assombro, o músculo tenso  
do espanto a escancarar a boca.  
Chegava de repente a uma outra idade  
em que não sobrava tempo para o tempo  
e tudo era uma avassaladora ficção.  
Que faço eu ainda aqui?

## A IMAGEM ATRÁS DO VIDRO

Eis-me, imagem baça, a morrer atrás do vidro,  
a tentar a meticulosa abordagem da noite  
cercado de odores que lembram mágoa e luto.  
Se caí no embuste, foi no da sombra.  
Se me tornei sacrílego, foi sem o saber.  
Abriguei-me da chuva sob os andores  
das primeiras procissões da Semana Santa.  
Depois fiz-me herege, andarilho, iconoclasta,  
incruste no bojo das nuvens o meu nome  
tocado pelo feitiço branco das estrelas.  
Chorei em almofadas altas de vento  
todas as lágrimas herdadas da infância  
e sempre que acordei foi para morrer  
com fingimentos de insónias sobre os espelhos.  
Deixei de pestanejar à vista da luz  
porque as minhas pálpebras se habituaram  
a descer como cortinas de névoa. Entrei  
em quartos minguantes por portas  
que mais ninguém ousou abrir e quando  
a manhã me pôs nas roupas a dedada luminosa  
que anuncia Junho, já eu era outro,  
exausto e cabisbaixo, a sufocar com os  
peixes na sofreguidão do ar, mas sempre  
atordado pela tentação da felicidade.

## A ENCENAÇÃO DOS MEDOS

Por toda a parte se urdia a encenação dos medos:  
de um lado a espada erguida contra a chama do sol,  
do outro as cruzes altas dos penitentes,  
dos excomungados. Por cima das alabardas  
a intensa liturgia dos que chegavam  
das terras ardentes em busca da absolvição  
e da trégua. Descobria-se uma cabeça, um rosto de cera,  
um crânio ungido com óleos sacros  
e assomavam às varandas, sobre o rubro dos estandartes,  
os que nada queriam perder das cerimónias  
que fundiam o oiro com o lume.  
Atrás da mole imensa dos dominicanos  
um pintor estrangeiro repelia, num murmúrio,  
as palavras de um responso, de uma prece,  
e lançava sobre a tela as cores exaltantes  
que sublinhavam a austeridade das tribunas  
na hora em que Deus era chamado, invocado,  
para justificar o teatro da loucura dos homens.

## JUNTO ÀS ALGAS

Confinado ficava a um canto, entre as pedras,  
o espectáculo lancinante do meu choro.  
O mar cabia inteiro em metade da noite  
e tinha barcos imóveis e gaivotas tristes  
a planarem em círculo sobre a névoa.  
Alguém me chamava do outro lado,  
entrincheirando o corpo num fortim de limos.  
Havia um refúgio nas rochas e alguém dizia:  
eis o lugar do meu primeiro amor, da descoberta  
da exaltação da carne no fogo dos dedos.  
Por mais longa que fosse a viagem,  
só nos restava descobrir que éramos ilha,  
terra cercada pelo delírio da água  
refractando a luz na vertical dos olhos.  
O meu choro era um sinal inflamante  
e atravessava a solidão como um dardo.  
Eu inclinava-me para ver o meu rosto  
afastando-se em círculos e era sempre  
a minha morte que se revelava junto às algas.

## DETÉM-TE, CORAÇÃO

Detém-te, coração, que o teu furor  
há-de ser a minha perdição,  
que a tua pressa há-de ser a minha morte,  
inclemente, fulminante, precisa.  
Detém-te, coração, que a tua pressa  
põe-me na garganta e na língua  
a tremenda secura dos desertos  
e nos dedos a dormência fatal dos naufrágios.  
É a máquina dos teus impulsos nocturnos  
que me põe na corrida o nó apertado  
que sufoca, fere e silencia.  
Arde-me do lado esquerdo uma chaga  
do tamanho de uma cratera  
rasgada no círculo da lua.  
E sei que, no esforço de agarrar-te,  
há um pequeno fogo que se extingue,  
há um sopro breve que se esgota,  
há uma vida inteira que se joga.

## DE ARTIFÍCIOS E ADEREÇOS

Despe-te de artifícios e adereços  
e deixa que a luz que te ilumina o rosto  
traga claridade a toda a casa  
e teça simulacros de lume  
sobre a quietude dos papéis onde a escrita  
se torna confessional, despudorada, desmedida.  
Hás-de encontrar-me esquecido, sem lembrança  
da forma que tem um corpo  
quando derrama sobre as almofadas,  
aos borbotões, a ternura que a fala não explica.  
Que as horas se façam, assim,  
desiguais e eternas, desafiando, como só  
elas sabem, a lógica que sustenta o tempo,  
que dá sentido aos gestos, que instala  
no coração da voz o antes e o depois,  
o ontem, o amanhã, o nunca.  
Imobiliza-te num repente, ave boquiaberta  
pela sede, e consente que na paz das tuas asas  
o sonho absoluto aprenda a vertigem do voo.

## SENHOR PESSOA, CHEGÁMOS A CASCAIS

O senhor esguio, bem posto, de olhar ausente  
atrás das lentes que vigiam o mundo  
tem tantos nomes quantos  
os que um homem pode ter para se perder  
naquilo que não pode ser. Rima imperfeita,  
inacabada para falar do poeta  
que viaja imóvel entre o cais de partir  
e o de nunca chegar, contando gaivotas,  
decifrando a cabala das nuvens  
entre o Cais do Sodré e Cascais,  
onde vai pagar uma contribuição  
do patrão Vasques, de uma casa  
que tem no Estoril. Chegámos, Senhor Pessoa,  
já não há mais estações depois desta.  
Qual das pessoas que tem Pessoa  
acorda para responder ao revisor?  
Uma hora para cá, outra para lá,  
medindo com os olhos baços, turvos,  
esquivos, a dolência atlântica, enganadora,  
destas ondas encapeladas  
pelo impulso do vento que vem do sul  
quando o Outono dá o timbre  
à melancolia da voz. Chegámos,  
Senhor Pessoa, o mundo acaba aqui,

onde o mundo começa e não tem fim.  
Sim, sim a Casa dos Condes de Castro  
Guimarães é mais para cima,  
para as bandas da Cidadela,  
ali onde há magalas e homens tristes.

NA RUA DA BELA VISTA,  
COM TANTO PARA LEMBRAR

As raparigas já não olham para mim.  
Passam e nem reparam. Céleres.  
Morri para elas antes mesmo  
de terem nascido. Perguntam-me as horas,  
pedem-me um cigarro, talvez não se importassem  
de ser minhas filhas, porque inspiro confiança,  
porque tenho os ombros largos,  
para o choro, para a confidência,  
para o rosário amargo das queixas juvenis.  
Muita coisa secou já em mim  
como nos pomares da minha infância,  
onde as figueiras e as ameixieiras  
deram lugar a blocos de apartamentos.  
Quando o sono chega, já o sol se pôs há muito  
na fronteira do dia, na crista das colinas  
beijadas pela boca adocicada do crepúsculo.  
Releio livros antigos, os poemas de Pavese  
e os enredos fabulosos da trilogia de Calvino.  
Ninguém quer saber das minhas leituras,  
nem sequer do que estou a escrever.  
Também na escrita há um ciclo que se fecha.  
Nada voltará a ser dito como dantes, eu sei.  
As palavras metamorfosearam-se,  
transfiguraram-se, mudaram de timbre.

Só eu permaneci fiel à rotina  
das minhas férias ébrias de sol,  
sequiosas de Mediterrâneo, de luz,  
de salada de frutas com manga e papaia,  
de gelados de muitos paladares. Sempre.  
Interrogam-me sobre a minha nacionalidade.  
Com este tom de pele, de onde serei?  
Assim bronzeado, óculos escuros no rosto  
fechado à trégua do sorriso,  
tanto posso ser um terrorista árabe  
como um judeu ortodoxo. Tantas coisas.  
Santo Deus, os caminhos desavindos,  
irreconciliáveis, que se cruzam no meu sangue  
e vão comigo na bagagem, debaixo dos livros,  
entre os cadernos, pressentimentos e raivas,  
misturados com comprimidos para dormir  
e com repelente para os mosquitos.  
A Europa está a um passo da falésia  
e finge que o progresso é o seu destino  
e a unidade a sua crença. Está doente,  
mas isso ninguém escreve nos jornais,  
porque os jornais vendem muito mais  
com as caras de plástico reluzente  
das *top-models*, pastilha elástica,

olhar labrego de vasculhar esplanadas,  
prato da substância das revistas novas-ricas.  
Podia dizer tudo isto numa carta,  
mas há muito que deixei  
de ter destinatários para elas.  
O telefone é mais rápido  
e compromete muito menos.  
A memória já não é o que era,  
tornou-se primitiva e amarga,  
violentamente selectiva, dada  
a mesquinhos sentimentos de vingança.  
Só bebo a água e refrigerantes açucarados,  
mas a mão treme-me quando escrevo isto.  
Fui a Mérida ver uma comédia de Plauto  
no Teatro Romano, e ri perdidamente  
com o engenho e a malícia do velho  
comediógrafo da Roma dos patrícios, dos soldados,  
dos escravos e das rugas da decadência do Império.  
Cada vez gosto mais de Espanha, confesso,  
mas, às vezes, tenho vergonha de o dizer,  
porque os espanhóis nos estão a ficar  
com a água dos rios e porque há sintomas  
de uma beligerância surda que, dizem, pode  
dar para o torto. Mas eu não vou nisso.

Leio a autobiografia de Caballero Bonald,  
fumo cigarrilhas Ducados, compro  
cassetes baratas com “sevillhanas” cantadas  
a preceito, e acho que temos a menos  
o que os espanhóis têm na dose certa:  
tomates. Eles matam o touro  
e nós deixamo-lo morrer de febre,  
entre a morte fíngida e o abate real.  
Um povo que troca a arena pelo matadouro  
bem merece que o persuadam  
de que o progresso é mensurável  
em quilómetros de auto-estradas. É bem feito.  
Encho-me de bronzeador porque  
toda a gente fala do perigo do melanoma,  
mas eu já recebi radiações solares que bastam  
para não ter remissão nem cura.  
O meu Verão começava em Abril  
e acabava em Outubro, porque o mar,  
abençoado, quase me entrava pela casa,  
em marés de som e de ar tresandando  
a maresia e a peixe fresco vendido na lota  
ao preço da chuva. E havia as inglesas  
em revoadas de estio, lagostas contentes  
com a pele abrasada pela língua do sol,

e havia os reis sem a coroa e os viciados do jogo  
à espera que o casino abra as portas,  
e havia os amigos que morriam  
em estúpidos desastres de automóvel,  
enquanto Portugal perdia por um triz  
o Mundial de Futebol, com o Eusébio-pantera  
a enxugar as lágrimas de um jogo fatal.  
Um dia hei-de escrever as minhas memórias  
sobre tudo isto e também sobre  
a estupidez de quem sempre viu nos livros  
uma ameaça à paz embrutecida do seu sono.  
Há muito que me tornei descrente, reconheço,  
mas há uma virgem colombiana  
de mãos postas, em madeira tosca, no meu quarto,  
a quem me apetece desvairadamente rezar  
pela infância perdida, pelo luto  
dos meus afectos naufragados na pressa  
de outro tempo, pela beleza das minhas  
namoradas que casaram e engordaram  
e já têm filhos doutores e filhas  
farmacêuticas e professoras de liceu.  
E cria uma mãe um poeta para isto.  
Confesso que estou cansado, mas declaro  
que nada me fará desistir, renunciar,

porque a fibra de que sou feito  
é a mesma que tem permitido à minha família  
resistir às investidas do cancro  
a que, eufemisticamente, chama o “mal”,  
“aquilo”, “a maldita doença”. Agora  
é teimosa e reiteradamente o teatro  
que me escraviza a mão, e tudo à minha volta  
é um palco, um dédalo de vozes, uma teia.  
As raparigas já não olham para mim.  
Pedem-me lume, acham que já me viram  
nalgum lugar que não aquele,  
talvez num programa de televisão  
ou numa fotografia de jornal. É bem possível.  
Como o último gelado da noite  
e dizem-me que o velho Santini morreu,  
ele que foi mestre dos paladares do gelo  
e veio no rasto de reis e princesas  
mitigar a sede de Agosto dos meus anos  
de menino inquieto a ver o mar.  
Hoje adormeço em paz, na esperança  
de que o meu pai de debruce  
sobre a minha cama, para me aconchegar  
a roupa e me desejar um sono descansado.  
O que pensaria o meu pai de mim,

hoje, ao fim de tantos livros,  
se soubesse que foi com ele que conversei sempre  
na viagem fustigante de todos estes versos?  
Vá, menino, toca a deitar, que amanhã  
é outro dia. Mas não é todas as noites  
que, em vertigem pessoana,  
se escreve de uma assentada  
uma tão longa fala sobre os negócios  
labirínticos e enleantes da memória.  
Se amanhã as raparigas olharem para mim,  
pedirei a um dos meus filhos  
que lhes diga que eu sou a sombra e a brisa,  
a areia fina das dunas de Setembro  
que se espalha pela estrada  
quando alguém, em errância absoluta,  
procura a porta para se evadir do poema.  
Eu nasci em Junho, na Rua da Bela Vista, em Cascais,  
e foi pela mão do vento que me fiz  
ao mar alteroso e traiçoeiro dos livros  
em que quase tudo parece ficar dito,  
até a essência de um homem quando sofre.  
Desço a Rua da Bela Vista, a caminho da baía,  
e oiço a voz da minha avó, da minha mãe,  
a mandarem-me subir para o passeio, depressa,

por causa dos carros e das bicicletas.  
À tarde vamos dar pão aos cisnes,  
no lago do parque, e à noite, está prometido,  
iremos ouvir o render das sentinelas,  
lá em cima, na Cidadela, rente ao mar.  
Se um dia eu deixar de escrever  
o nome desta terra como remetente dos meus versos,  
é porque o armário azul da infância  
fechou de vez as portas, comigo lá dentro,  
para eu nunca mais sair. Aí, podem escrever-me  
como epitáfio: «Com tão pouco me teriam feito feliz».

## BOCA DO INFERNO

Nunca o mar se aquietou neste lugar,  
entre rochedos e farrapos de lua,  
entre cristais de sol e golfadas de espuma,  
só para aplacar o grande temor dos olhos.  
É um mar inclemente este  
e tem dos peixes o delírio da profundidade  
e das aves a altivez indefinível.  
Aqui se fizeram fotografar  
avós e primos vindos da terra  
com grandes chapéus de camponeses  
e um cesto de farnel aos pés.  
Viam o mar e interrogavam-se:  
será depois disto o fim de tudo?  
Que infinito se ergue, eriçado pela ondulação,  
para além da linha do horizonte?  
Partiam sem respostas, mas ávidos  
de mais mar, de mais espaço, de outro tempo  
que lhes desse para serem marinheiros  
desbravadores de infernais distâncias.  
Nunca chegaram a conhecer a dimensão  
desse tempo, incontável, esquivo como a sombra.  
O mar abriu-se e fechou-se, abissal,  
sobre o rumor das suas vozes, e alguém  
lhes chamou náufragos e santos.

Deixaram cair sobre o lajedo os chapéus de abas largas  
e os cestos da merenda. Veio Dezembro  
e alguém pronunciou sobre o rochedo  
ao seus nomes banais e curtos entre duas preces.  
Aqui nunca o mar se deixou domar  
por imprecações ou rezas.  
A sua vocação é, afinal, o absoluto  
e a boca com que fala é negra e funda  
como a de um inferno a meio do sono.

## O AR DENTRO DO GRITO

Exerce sobre mim todos os teus poderes,  
os mais avassaladores e brutais,  
os que deixam na carne a marca sem resgate  
de uma morte prometida em cada gesto  
e dá-me a perceber que  
sempre que te toco é, afinal, o fogo  
que estou a tocar, como se quisesse  
bordar um monograma de lava  
no lenço que cala o queixume dos lábios.  
Deixa-me dos teus poderes  
somente um rumor ou um aroma,  
a inexprimível tentação que os faz  
serem tão perenes e secretos,  
tão sôfregos de entrega e infinito,  
e depois derrota-me na arena  
dos teus braços como tenazes de vento  
sufocando nesta boca  
o sopro que aprisiona o ar dentro do grito.

## A EXTREMA COMOÇÃO

Todos os comboios te trazem até mim,  
pequena luz do meu desassossego,  
num sussurro de promessa inconfessada,  
num desafio de pergunta sufocante.  
Vais e voltas, audaz e indefesa,  
na migração branda de todos os afectos  
e é o instinto que me dá do teu nome  
o timbre e o tom das revelações que embriagam.  
Nunca a distância pôs tão perto  
a mão que treme e a tentação do lume.  
Vais e voltas e sem que o saibas  
é por mim que vens e é por ti que parto,  
que o sentimento que sustenta estes dias  
é volátil e breve como um pássaro de névoa,  
como uma serpente de jade, como um fumo  
de ópio num encontro contra o tempo,  
contra a pressa com que o tempo se disfarça e aniquila.  
Vais e voltas, e é de mim que te apartas  
nesse fogo de queres estar não estando,  
nessa inquietude de seres gare e cais  
quando tudo em ti pede que sejas apenas casa e corpo.  
E como eu te imito, te repito e sigo  
nesse assombro de acordarmos em nós  
o sobressalto da lava que faz do enlace  
uma extrema e indefinível comoção.

## LANCETA DE FOGO

Anda o medo da morte  
a matar-me devagar, lanceta de fogo  
a despertar no peito os golpes antigos  
que fingem ser do coração  
mas são da herança inquieta  
de um tempo revolvendo o sangue,  
acordando na carne tormentos e presságios.  
Deixou de haver silêncio capaz  
de apaziguar o ódio nesta casa.  
Os quartos são sítios beligerantes  
onde nem a moderação da voz  
dissimula o fel das palavras.  
Deixou de haver biografia para quem escreve.  
Restam datas, cintilações de noites  
longínquas no sono estival das baías.  
Entranha-se nos músculos  
um torpor, uma dormência  
que evoca o sobressalto das enfermidades,  
a imobilidade dos montes perfilados na névoa.  
A imortalidade passou a ter um preço:  
a vida toda trocada pelo engano  
de um sonho desfeito em espuma.

Uivam cães dentro da campânula da noite  
quando um ofício estelar se anuncia em minhas mãos.  
Tudo se afirma por excesso, até o músculo tenso  
que me deforma o rosto, sempre que pronuncio  
as indizíveis palavras, mesmo as que trazem no bojo  
a lava e o sangue. Aguardo agora a revelação se ser  
com uma pressa animal, e tudo o que sei  
é este fulgor breve que se detém na nudez  
das pedras e dos astros. Demorei-me a não amar  
quanto havia em meu redor para ser amado  
e agora que enuncio as categorias últimas  
da vida, do espanto e da morte  
sinto que um estremeamento manso  
me percorre e me anula, que ondas vagarosas  
me movem cerco a partir de um ponto vital  
no coração das águas. Venho de um tempo  
em que dias como este eram luminosos e fartos  
como bodas cantadas à boca do lume,  
como partos celestes na cama da erva,  
como cópulas perfeitas no lençol das dunas.  
Esgotada está a razão desses dias  
e com ela a interminável vigília  
dos oficiantes de todas as mágoas.

Num banco de musgo à ilharga do mar  
é que celebro pacto com a claridade  
e convoco os amantes, os ímpios, os hereges  
para o instante final do assombro e da desordem.

Esvaí-me em solitárias falas,  
em nocturnos conciliábulos, em motins de sombra,  
em conspirações de lume e agora o que resta de mim  
é um eclipse e um silêncio de terra,  
um azedume e um tormento que me torna irmão  
e cúmplice de todos os infernos acantonados nos livros,  
das nuvens de cinza acamadas nos escombros,  
das ruínas brancas em que assentam as cidades.  
Deixo-me enlear numa teia de sons  
em que já quase nada faz sentido,  
e se houver uma branda violência no que digo  
que se transforme em instrumento capaz  
de dar sossego aos que se consomem devagar  
no átrio iluminado das fábulas e dos risos,  
no corredor que leva à caixa forte da infância.

O meu teatro é irrepresentável por ser infinitamente suplicante. Explico-me: eu queria um palco do tamanho de uma vida para pôr nele quanto amo e quanto odeio. Havia de conceber depois um discurso igual ao dos mártires ou dos místicos que se ajustasse ao perfil das personagens por ser fluente e limpo como um cristal de chuva a iluminar a boca dos actores. Ficou-se pela metade o meu teatro como esta fala desconsolada que uso para dizer o que não fiz. Sentava-me a escrever, extenuado, e era sempre de mim que falava, da morte do meu pai num quarto de setembro, do desespero sufocado nos cadernos, das febres altas sob as colchas bordadas. E não pode ser isto o teatro: tem que albergar o nada e a tragédia, o absurdo ou a infinita espera, sobretudo o movimento e a tensão. O meu teatro calava-se perante os conflitos entre a luz e o gesto. Por isso o deixei finar-se no silêncio dos actores.

Num grande teatro antigo  
é que eu gostava de me representar:  
tantas máscaras quantas fossem precisas  
para levar ao engano toda a escrita  
em que se estriba a fala dos actores.  
Quero ser a derradeira personagem  
de um enredo circular e enleante.  
Outro qualquer destino não me serve.  
O silêncio com as suas máquinas vorazes  
é que me tolhe a fala e eu tenho ainda tanto  
para dizer. Guardo-me numa caixa metálica  
com anjos carmesim em toda a volta  
e esqueço-me do que sou e do que quero.  
Quem vier depois que se deite  
a decifrar o mistério desta fábula.  
Encosto o ouvido à última concha  
da pressa das marés e o que oiço  
é o meu nome cercado de algas  
a lembrar-me que o teatro em que me escrevo  
morre dilacerado por tudo o que não sinto.

Estou neste quadro num tumulto que só o verso  
apazigua. Tinha o desejo de me fazer representar  
em paz comigo mesmo, mas nada logrei.  
Vem um sábio pintor da Úmbria  
e espalha os pincéis e as tintas  
sobre a minha cama incendiada  
por sucessivas metáforas lancinantes.  
Nuas e abraçadas, duas mulheres  
dançam rente ao cavalete  
e depois esfumam-se em vento  
numa espiral incompleta. O pintor  
chama-me sombra e representa-me com tons  
de cinza, iguais aos da doença e do temor.  
Intranquilo, revelo-me nas tintas  
porque quero luz em vez de treva,  
porque desejo água em vez de sede.  
Envolve-me, denso, o negrume da noite  
quando me sento à espera de ser dia.  
A minha respiração rebenta na tela  
e há uma haste, um vime esguio  
que me contorna o pescoço. Quando tento falar,  
é só o nome da angústia que pronuncio.

Proclama em mim a tua morada,  
a plena residência dos sons e dos sentidos,  
que eu só tenho a metade do olhar,  
mas amo quanto basta para te querer aqui  
com o teu ardor de lume intranquilo,  
com o tácito consentimento das carícias  
e dos gritos, com a lâmpada esvoaçante  
que dá à noite revérberos de lua e fogo-fátuo.  
Nesta areia nacarada e leve  
é que te cobres de madrepérola e espuma  
e trazes na rebentação  
os segredos insondáveis da profundidade.  
A nossa linguagem é redonda  
como uma ilha ou um girassol  
cintilando no bojo acolhedor da sombra.  
É nos muros, nos pórticos, nas colunas  
dos antiquíssimos teatros  
que este estremecido amor se representa  
em dois secretos actos: um dúctil e lento,  
o outro ondulante e, quem sabe, fatal.

Num cristal de orvalho  
é que a primeira imagem da manhã  
encontrava a síntese e o poiso.  
Eu alongava-me até onde a sombra ia  
e ganhava todas as formas  
que a imaginação consente:  
era cavalo, albatroz, astrolábio,  
serpente marinha, castelo de areia.  
Quem se demorava no meu quarto  
não podia saber que a doença  
de que eu padecia era uma estrela  
cravada com minúcia cruel  
na garganta de todas as falas.  
Eu estava louco, pensavam,  
e a minha loucura era um navio  
oblongo e triste a deixar nas dunas  
sulcos fundíssimos de naufrágio.  
A nudez momentânea era o meu modo  
de dizer: aqui me têm exposto  
à ardência do estio, à fúria do mar  
e que ninguém ouse prometer-me salvação,  
que a minha morte é uma arca  
escancarada à boca dos abismos.

## TUDO POR UM DIA

Houve um dia, entre muitos outros dias,  
em que tudo floriu subitamente  
nos secretos canteiros da minha vida.  
Foi um dia sem enterros nem traições,  
já depois da morte de meu pai,  
um dia altaneiro e madrugador  
em que até os mortos saíram da prisão da terra,  
do silêncio empedernido do saibro e da cal.  
As minhas mãos encheram-se com o mirto,  
com a urze, com o oiro da festa,  
com o sangue convulsivo dos cravos,  
com o vinho incendiado das palavras.  
E eu fui outro, sendo o mesmo,  
adiado e ferido pelas correntes da espera,  
a soltar pombas no júbilo das praças,  
a acender o luar nos olhos das raparigas,  
a moer saudades na tenaz dos abraços.  
Entornei os tinteiros sobre a tristeza das páginas  
e perdi-me nas ruas, coroado de açucenas.  
Cresci nesse dia até ao limite da felicidade.

## EU VINHA POR UM POUCO DE VIDA

Eu vinha pela frescura da seda,  
pela promessa da água na tua boca  
limpa como um alvéolo, como uma fonte.  
Eu vinha pela hospitalidade dos teus braços  
abertos sobre as dunas, sobre as camas,  
sobre a areia macia das paixões furtivas.  
Eu vinha pela sede e pela aventura,  
com a desabrida idade dos corsários,  
dos animais enleantes zigzagueando  
pelo meio dos juncos e das pedras.  
Eu vinha pela desordem dos planetas  
no meu livro dos mistérios do céu,  
no meu mapa dos assombros da alma.  
Eu vinha pelo doce veneno de uma língua  
semeando no meu corpo os sinais da perdição.  
Eu vinha com o sal nos olhos, ardendo  
com o lume a queimar-me a fala  
e pedia à água para ser chuva  
e à chuva, num repente, para ser mar.  
Eu vinha por um pouco de vida, só um pouco,  
no tumulto da minha existência de papel.

## DÉDALO DE NOMES E ENREDOS

Era assim a ficção: a teia apertada  
em que as personagens definhavam  
à míngua de luz, à míngua de voz.  
Era a fala a consumir a própria fala,  
a engolir, voraz, o narrador.  
Mudava de capítulo e eram portas  
que se abriam para outras portas  
pátios que se fechavam, em penumbra,  
para a festa das rosas e dos frutos,  
para a alegria circular das raparigas.  
Tudo estava já dito antes dos livros,  
antes da morte dos rouxinóis,  
antes das donzelas hirtas nas gravuras  
debruarem a palavra amor  
com os dedos trémulos de quem presente  
a morte em cada olhar.  
Depois vieram os livros e a ficção cumpriu-se,  
dédalo de nomes e enredos  
em que só a vida não chegou a acontecer.

## BOTHO STRAUSS

Há histórias que se contam e recontam  
na teia de outras histórias, labirinto  
de pequenas caixas chinesas em que tudo é  
fragmentário, crepuscular, volátil e esquivo,  
como a própria condição de estar vivo neste tempo.  
É o tempo que se enreda na trama do tempo  
e chama a depor, no seu tribunal de sombras,  
as ébrias testemunhas do espanto e da quimera.  
Tudo é tão dilacerante e vago neste mundo  
que é possível ser de várias histórias  
no palco desolado e frio de uma só história,  
livro altissonante e polifónico  
que só a voz dos actores ousa escrever  
com tinta de lua e assombro sobre a página das horas.

## WILLIAM SHAKESPEARE

Ó grande William do palco da palavra,  
ó poeta dos instintos do assombro e do poder,  
ó mago dos monólogos de fogo e de névoa,  
quanto de mim se perde e se ganha  
quando te releio e me reinvento  
nas tuas falas cinzeladas no ouro  
de uma rima igual à dos astros.  
Acordo Hamlet e adormeço Macbeth,  
na comédia de enganos que é  
dar à poesia a dimensão alta do teatro,  
que é dar à minha voz o timbre e a chama  
que bebo nos teus versos esculpido na pedra  
da equívoca eternidade dos homens.  
Aqui me tens, ó grande William,  
mercador de tristeza, a apaziguar na voz  
a tempestade que enegrece a minha noite  
quando te encontro, bordador de sombras,  
sob a teia do grande teatro dos homens.

## LUIGI PIRANDELLO

Consente que eu seja a sétima personagem  
em busca de um autor, aquela que sobrou  
no teu leque de vozes vagueando pelo palco,  
aquele que se perde no eco dos murmúrios  
sem temer a loucura nem a morte.  
Como eu compreendo a tua solidão doméstica,  
o teu fingimento de júbilo  
no registo enevoadado dos retratos da glória.  
Está tão longe a felicidade, tão longe,  
quando ousamos nomeá-la nos livros  
que ganham corpo na voz dos actores.  
Deixa-me ser Henrique IV, o rei alucinado  
que fingiu ser tudo aquilo  
que os outros supunham que ele era,  
deixa-me empunhar o seu ceptro de chuva,  
adornar-me com a sua coroa de vento,  
adormecer no seu trono sussurrante e grave.  
Deixa que me perca na luz do teu sul,  
tão gémeo do meu que fico cego  
quando te releio nos verões da mágoa,  
nos outonos da alegria mitigada e parca.  
Troca agora de lugar comigo, por instantes,  
para que o fingimento do teatro possa subir à cena.

## TERMINAR NA PALAVRA FIM

Contar uma história dentro do poema,  
igual às que fazem as lendas,  
uma história com heróis e mártires,  
com âncoras presas nos bancos de coral  
e pesadelos de Ulisses no fim  
do último parágrafo, enredando-se  
na loucura ciclópica e ardente dos mitos.  
Sentar-me numa duna  
como quem se senta à cabeceira  
do espanto rutilante das crianças  
e contar a história de um poema  
com a serenidade lustral  
de um navegante da fala.  
Engendrar um epílogo,  
arquitectar o corpo geométrico dos capítulos  
e só terminar na palavra fim,  
com a perseverança de quem ergue catedrais.  
Cinzelar, por último, os ornamentos,  
para que ninguém diga que o estilo  
se exilou da arena do poema  
como quem se evade para sempre do âmago da história.

## O PEQUENO TIGRE VERDE

Desenhei um tigre verde  
na pequena tela dos meus delírios  
aguarelados pela água da chuva  
e deixei que ele me devorasse os versos  
escritos em redor, como se movessem  
cerco à impaciência colorida dos animais.  
O pequeno tigre verde arqueou-se  
para o salto final, para a rapina  
e cravou as garras na carne mansa  
de tudo quanto eu disse. Não se pode  
criar animais que ergam contra nós  
o arco retesado do seu instinto mortal.  
É assim com a ternura em mim.  
Invento-a, desenho-a, adoço-a,  
animal benigno do que sonho,  
e depois vejo-a amotinar-se, rebelde,  
escancarando as portas que dão  
para os pátios rubros do ódio, da inclemência.  
Vela por mim a sombra do que sou,  
enquanto o pequeno tigre verde  
devora na tela os despojos, os últimos pedaços  
de uma paz separada a ferros do meu corpo.

## ONDE O LIVRO ACABA E A VOZ COMEÇA

Empalidece o ouro da manhã  
na última página da miséria da escrita.  
Eis as palavras feridas que soltam  
o estertor de um sobressalto final.  
Falta dar um nome ao sobressalto da voz.  
Exalta-se o mar, como no bojo de um búzio,  
com todos os pressentimentos  
que nele encontram morada, e diz:  
estes são os manuscritos do mar vivo,  
os que nascem do naufrágio da quimera,  
os que se escrevem com a tinta ofuscante  
da revolta das ondas. Há um homem  
fragmentado em cada verso, disperso,  
uma existência fulminada em cada sílaba,  
um desejo evaporado em cada sol.  
Parta-se o búzio e afunde-se a ilha,  
que a metamorfose há-de cumprir-se  
onde o livro acaba e a voz começa.

## QUEM MORRE NO QUE DIZ

Sou o que me persegue e me envenena,  
pois tudo começa e acaba  
no círculo avassalador em que me movo.  
Avizinho-me com lentidão felina  
dos lugares onde se morre e se renasce  
e transformo-me em palco de lumes,  
na ficção última que me é dado representar.  
Andam vozes lá fora a incendiar  
os terraços largos do Verão,  
e eu fico entontecido pela fúria da água  
pelo desvelo das mãos que me alisam  
os cabelos e as roupas num afago materno.  
Tudo é fictício menos esta complacência  
que me faz suportar o medo  
quando só a última coragem  
pode ser esperada de quem morre no que diz.

## COMO UM TORNADO

A escrita está cansada das palavras  
que a povoam e impelem, das vozes  
que a agitam e embalam. É uma escrita  
exausta de sentidos que prefere as histórias  
aos símbolos e às premonições. Envelheceu.  
Sente que alguma coisa apodrece nela  
quando lhe dá para pedir ao vento  
que a leve até onde os pássaros vão.  
Já falou de mortes e de vidas,  
já se acomodou à geometria interior dos livros  
em que tudo se tornou previsível.  
Agora apetece-lhe respirar um ar  
que tenha o aroma do corpo e da urze,  
apetece-lhe, em suma, voltar a amar.

Aquele que escreve está mais triste  
que os cães no abandono dos quartos.  
Tornou-se inábil e desconfiado  
como um velho cego no meio de uma praça.  
Não quer encontrar ninguém.  
Por ninguém deseja ser visto.  
É como se estivesse morto ou como  
se ensaiasse um fingimento de morte.

Acendem-se as luzes de repente  
e toda a escrita se ilumina  
para receber em festa os fantasmas da desordem.  
Um poeta sabe quando há-de parar.  
A escrita sussurra rente ao coração  
as últimas rezas da aflição da noite.  
Talvez nasça um livro deste caos,  
ou, quem sabe, uma paixão furiosa  
que tudo arraste e mude como um tornado  
varrendo a manhã dos absurdos objectos  
que atravancam e paralisam a solidão de um homem.

## TUDO SOBRE O MISTÉRIO DA ESCRITA

Há alturas em que saio de mim  
como quem sai de uma cela ou de um armário,  
de um coma profundo ou de um retiro,  
de uma redoma de vidro fosco,  
e me vejo numa outra dimensão  
a escrever violentamente a meu respeito  
como se fosse o maior delator  
de todos os meus feitos e pecados.  
Quero falar comigo e não sou capaz.  
Chamo e não me oiço. Toco-me e nada sinto.  
Podia acabar os meus dias num circo  
a ganhar a vida com um número assim.  
Ganhando esta distância, transformo-me  
no heterónimo sibilante a quem se confiam  
as mais impúdicas e brutais revelações.

Não, não se trata de um exercício filosófico.  
O meu signo de Gémeos talvez seja capaz  
de explicar o que a ciência omite.  
Eu estou dentro e fora de mim ao mesmo tempo,  
enredado na trama de uma escrita  
que tudo dirá sobre quem escreve  
sem que eu consiga controlá-la.  
Não é de uma arte poética que falo.

É de um mistério que me acompanha,  
que me persegue desde as origens.  
Quem me fez poeta que resolva este drama.  
Por mim, continuarei a escrever em nome de ambos.

## TUDO SÃO HIPÓTESES

É redonda a dor como as cobras  
que desafiam a surdez das casas  
onde os mortos dão as mãos  
para congeminarem o regresso à vida.  
Tudo são hipóteses. Dançam em roda  
abocanhando as rosas, devorando  
a placenta matinal dos partos, partindo.  
Tudo se renova, até o mundo.  
E há um poderio fatal que se ergue  
dos cânticos e dos espelhos, em espiral,  
das sarças queimadas e das preces,  
e há um cavalo decapitado relinchando  
no terreiro dos medos ancestrais, fatais,  
enquanto as carpideiras choram  
o destino ultrajante dos meninos  
que perderam a fé na cama da heroína,  
misturando o pó e o sangue  
sobre os mapas do desespero dos crentes.  
Tudo são hipóteses. Até a vida.

## O PESADELO NO CORAÇÃO DO TEXTO

O que não tem braços rege a orquestra  
das injúrias cantantes e perversas.  
Deixou um largo rasto de sangue  
no soalho das casas assombradas  
e agora ergue a sua prece contra os muros,  
contra a fúria do trovão, contra a multidão.  
Em qualquer vala faz a morada  
de onde parte ao assalto de outras crenças.  
É sibilino como o veneno tribal,  
é ofuscante como a demência celeste  
e vê no horizonte o crepúsculo torturado  
de um dia sem nome e sem tempo, sem rosto.  
Torna-se rastejante na imitação das cobras  
que envolvem o pescoço das almas  
quando o pesadelo entra no coração do texto.

## NA MINHA RUA, AO ANOITECER

Na minha rua a noite deita-se a dormir  
debaixo dos plátanos, orvalhada e quieta  
como um corpo moribundo e sem abrigo.

Nos quintais, os galináceos cacarejam  
uma melancolia igual à das vizinhas,  
decalcada da retórica mole e triste  
das beatas exaustas de tanta reza.

Eu já cresci neste lugar o que tinha a crescer,  
o bastante para chegar aos patamares,  
aos parapeitos das janelas, ao armário  
alto dos álbuns dos cromos. Cresci  
o bastante para voltar e para sentir náusea  
de cada vez que adormeço  
a imaginar que o mundo é a repetição  
perpétua dos rituais do desconsolo,  
na minha rua, ao anoitecer.

## ESTÁ BEM E RECOMENDA-SE

Fui dar comigo dentro de uma gaveta,  
misturado com os relógios de corda  
e com as cartas do remorso e da viagem.  
Que fazia eu ali, tão quieto?  
Quem era eu para me confundir  
e me perder no meio de coisas inertes,  
de objectos com história mas sem vida?  
Eu estava onde devia estar, afinal,  
no âmago dos exercícios da memória,  
alimento secreto e único da aventura da escrita,  
no coração paciente e labiríntico  
das coisas que transformam o mundo  
dentro de cada um de nós. Numa gaveta.  
Alguém pegou em mim, dobrou-me em quatro  
e guardou-me bem guardado  
num velho livro de lendas acrisolado.  
Nunca tive tanta paz, tanto sossego, admito.  
Hoje, quando alguém pergunta por mim  
responde, em meu nome, uma personagem  
da imaginação das lendas, e diz: está bem  
e recomenda-se, mas que ninguém  
queira saber com que nome ou rosto renascerá.

## COMO AS LENDAS E OS MEDOS

Eu zangava-me com a minha pequenez  
e ensaiava fugas pela rua fora,  
só até à esquina, com uma caixa de camisas  
debaixo do braço e um urso de peluche  
para me fazer companhia durante a noite.  
A minha mãe chamava-me  
e eu voltava como se a não tivesse ouvido,  
como se tivesse sido eu a escolher  
o momento de voltar a casa,  
altivo como uma gaivota ferida,  
fingindo ter perdido a fome, o sono, a sede,  
tudo para proclamar a minha  
insignificante liberdade, nesses dias  
em que o Verão me queimava os olhos  
e as lágrimas eram ácidas e raras  
como tempestades na serenidade do azul.  
A minha mãe deixou de ver, cegou,  
luz apagada de vez na festa do olhar,  
e eu volto a esse dias, a esses sítios,  
e é a lembrança da sua voz que me guia  
enquanto eu engano as sombras,  
tentando ser outro no centro de uma história  
tão antiga como as lendas e os medos.

## ÚLTIMO ENCONTRO COM CESÁRIO

Saí para o quintal e trouxe os ovos  
das galinhas engordadas pelo milho  
e pelas ervas altas rente ao muro.  
Era a minha maneira de ser camponês,  
de desenhar um ancinho e uma enxada  
nos cadernos dos trabalhos de casa,  
imaginando que o campo cabia inteiro  
no meu universo asfaltado e branco.  
Também comi figos e provei água-pé,  
reguei as sardinheiras e as rosas  
e imitei a fala seca dos homens da jorna,  
só para ter que contar, para poder dizer  
que era ao mesmo tempo de dois mundos.  
Um dia encontrei ao pé da capoeira  
um homem dos seus trintas anos,  
com fato de veludo azul e uma camélia  
na lapela. Era de poucas falas, janota,  
e, como eu, camponês só a fingir.  
Tossia convulsivamente e tinha olhos azuis  
incendiados pelo lume inclemente da febre.  
Era o Cesário, tenho a certeza, e como chegou  
partiu, deixando um rasto versejante e límpido  
no caminho dos seus passos.  
Eu próprio adoeci depois deste encontro.

Voltei a vê-lo na rua do Arsenal,  
numa manhã de Junho, no dia dos meus anos.  
Tinha um ar mais saudável e sereno.  
Já não tossia, nem me olhava febrilmente.  
Era outro, estava morto e em trânsito  
para a cidade impaciente dos seus versos.  
Acenou-me vagamente, passou pela Rua do Salitre,  
para recolher uns inéditos, umas cartas,  
uns versos emendados. Dirigiu-se aos Prazeres,  
  
para não falhar a hora do recolher,  
que é a das novenas, ao crepúsculo.  
O Cesário continua a entrar e a sair  
no círculo sussurrante destas páginas,  
fingido camponês dos meus sonhos de infância.  
Ainda lhe quis dar dois ovos e um cálice  
de vinho do Porto, para atacar a tísica,  
mas ele não se deu de novo a ver.  
Partiu de vez, rouxinol enfermiço  
da luz dos meus versos, e quando o imagino  
no que resta do meu quintal deserto  
é sempre a namorar a lua, a sorver o vento,  
com o bigodinho bem aparado, muito hirto,  
mestre plantador das claridades

que abrem nos livros portas para o absoluto.  
E seguem-no pelas veredas as galinhas e os cães,  
as lagartixas e as meninas prendadas,  
que um poeta bonito, de olho azul,  
semeia eternidade até que o ar se evada  
dos pulmões da escrita por uma frincha  
aberta onde a vida, por fim, acaba.

## AS PÉTALAS DO HORROR DA FEBRE

Eu sou aquele que sai do círculo  
incendiado do seu próprio cansaço  
e se deixa emparedar pelos livros  
que corrompem a ilusão das fadas.  
Eu já não acredito em nada,  
nem sequer no arrebatamento de um corpo  
que dança sobre o medo das navalhas.  
Eu já comi as pétalas do horror da febre  
e senti nos ossos o gelo das madrugadas.  
Eu já amei as mulheres desesperadas  
que agonizam nas camas, nos abismos,  
nas artérias apodrecidas sobre a pele  
e confessei-lhes o meu arrependimento,  
a minha inocência truculenta e grave  
como quem entrega o coração  
para penhor do que usurpou, do que esqueceu.  
Tudo isto num teatro ameaçado  
pela voracidade sibilina das máscaras  
que disfarçam a tristeza do poema  
com o esgar colorido e sonoro  
de um saltimbanco imitando a lua.

## A MUDANÇA DE PELE

Às vezes apetece-me começar a viver uma outra vida,  
com outro rosto, outra morada, outra identidade,  
sem contudo deixar de ser eu, sempre e só eu,  
e acreditem que gostava de ficar sentado numa esplanada,  
numa cadeira branca de palhinha, a ver-me ser outro  
sem deixar de ser eu, com os mesmos tiques,  
com a mesma exaltada paixão pelos timbres da palavra,  
com o mesmo vício dos livros, que é o único  
que verdadeiramente tenho e que me custa os olhos da cara.  
Mas é impossível, paciência. Resta-me a transfiguração  
naquilo que escrevo, compulsivamente, como um asmático  
a tentar libertar-se do ar que lhe oprime o peito.  
E para dizer a verdade, que é coisa que a poesia  
não tem necessariamente que dizer, não sei ao certo  
o que poderia ser se chegasse a ser outro.  
O que faria eu sem outra identidade? Seria astronauta,  
veterinário por amor aos bichos, corretor de bolsa  
transformado em pintor impressionista como o meu querido  
Gauguin, cinzelador de metais raros e preciosos,  
ourives de corte, cronista das tragédias sociais?  
Creio que nenhuma das hipóteses me agradaria  
e voltaria a ser apenas aquilo que sempre fui,  
heterónimo de mim mesmo, a fugir de mim aos ziguezagues,  
cobra largando a pele dos ódios e dos medos  
sem se importar com a estação em que a mudança se opera  
(e para que a rima não falte), seja ela Inverno ou Primavera.

## UMA NOITE FECHADA A SETE CHAVES

Nunca, como agora, falei de mim e do que sou  
tão desabrida, tão despudoradamente,  
sem temer a leitura e as subleituras  
que o texto aqui e acolá consente e sugere.  
É talvez a coragem que vem com a idade,  
e talvez seja excessivo chamar-lhe coragem,  
pois, vendo bem, não passa da parte da verdade  
que a poesia reclama como exercício de desocultação.  
Eu que coleciono máscaras de tantos lugares  
deixo por fim cair a minha, sem cautelas,  
com a crueza animal dos partos na erva,  
com a rudeza da pedra das confissões primitivas.  
Sei que escrevo para depois de mim,  
para o que restar de mim na memória dos outros,  
para o afecto que as minhas palavras, enleantes,  
consequirem verter na página, numa dádiva final.  
Sei que estou doente do sentimento  
e que a moléstia que nos rouba o sono  
é a mais íntima, a mais feroz, a mais letal.  
Eu não durmo só para não ter que acordar em mim  
todos os sobressaltos que me faziam deambular pela casa,  
ao colo de minha mãe, na véspera dos ciclones,  
nas noites do estrondo das marés vivas.

O meu sono é uma noite fechada a sete chaves  
dentro do medo que eu tenho da verdade dos dias.  
Se vivi outras vidas foi somente para preparar  
com cuidado de alquimista, a voz com que me revelo nesta.

## E DEPOIS VIRÁ A NOITE

Anda o teatro, com o seu engenho de tragédia,  
a invadir-me o território do verso  
juntando os timbres e as falas  
do que é múltiplo fingindo ser uno.  
E eu que faço? E eu que escrevo?  
Sou a personagem que antecipa as personagens,  
emprestando-lhes o corpo e o sentido  
de que precisam para se fazerem ouvir.  
Este é o magoado teatro das vozes  
que me habitam e amotnam, é a teia  
dos silêncios que se insubordinam  
clamando por uma voz que lhes dê voz.  
E eu quem sou? E eu que quero?  
Quero a burilada paz de uma língua  
que ainda ninguém tenha ousado falar  
e que, por ser primordial e única,  
possa comunicar com os astros e com  
as ínfimas criaturas da secura da terra.  
Um dia descerá o pano sobre tudo  
quanto ousei dizer para desconsolo do que sei,  
e depois virá a noite, e, depois da noite,  
a desnorteante luz astral que dá aos vivos  
a ilusão de que sabem alguma coisa sobre a morte.

## PACTO FINAL COM A INFÂNCIA

Venham unicórnios e duendes,  
fadas, grifos e dragões  
embalando o que resta da minha infância  
para que eu a não deixe morrer  
no mágico cadinho em que o verso ganha forma.  
Sentem-se todos à minha mesa,  
hóspedes nocturnos do meu assombro  
de menino trabalhando a fala,  
e peçam tudo o que quiserem:  
o ímpio néctar das palavras impossíveis,  
o vinho das divindades destronadas,  
a explosão de luz que ornamenta  
o rosto invisível do sagrado.  
Tendo-os na minha presença,  
hei-de guardá-los num livro  
como fazia com as borboletas e as pétalas  
só para que não se perca nunca  
a extrema emoção de as ter tocado.  
E quando a inquieta máquina da escrita  
por fim se sentir vencida ou saciada,  
partirei com eles pelos céus de Junho,  
trauteando a primeira canção da minha infância,  
com a minha mãe atrás marcando o ritmo.  
E, nesse dia, seja por que razão for,  
que ninguém se atreva a dizer que eu morri.

## ONDE ANTES HOUVE DEUSES

Hotel Elektra na Rua Hermes.

O tempo está enevoado para as bandas do Olimpo.

Ninguém pede esmola, nem sequer  
na esquina onde uma estatueta de Príapo  
lembra o desejo sobre as oliveiras.

As mulheres são altas e belas, esquivas,  
imitando o fulgor das ancestrais  
passeando nas praças onde só os homens  
tinham o direito de decidir.

Estas votam, guiam, embebedam-se  
e amam jovens ruidosos e tatuados.

Eu fico numa esplanada, quieto,  
a assistir ao tumulto do mundo  
no fundo de um copo de vinho branco.

Hotel Elektra na Rua Hermes.

Só falta que amanhã seja Édipo  
a trazer-me o pequeno-almoço ao quarto.

**PARA LÁ DO PANO:**

**A ARTE; A VIDA**

(Página deixada propositadamente em branco)

## A IRA DOS POETAS

Um poeta tem o direito de estar zangado  
consigo, com a poesia ou com os outros.  
Metrificam-no em verso curto doméstico canino  
como se lhe enfiassem açaimo e coleira,  
projectam-no nas valetas sujas do desconhecimento  
colectivo institucionalizado e depois querem  
que ande alegre confiante transbordante de optimismo  
e de saúde física e mental.

É pedirem de mais a quem dá de si sem condições  
o máximo que alguém é capaz de dar: a vida toda  
nas palavras. Em troca: a ponta afiada  
de um lusitano corno para ir roendo  
com a mais apurada técnica ruminativa.

Temos uma tradição de poetas abespinhados  
com o azedume a saltar aos borbotões dos orifícios  
apertados da escrita ou dos hiatos do amargo canto,  
de poetas que definham nas águas furtadas do espanto  
emagrecendo de tristeza ou sufocando de sarcasmo  
maligno sarcasmo que tarde ou cedo acaba por dar  
dividendos às agências funerárias, aos fabricantes  
de insígnias, aos inventores de comendas  
que nunca trocam por pão as glórias que forjam.

Por isso o Sena morreu azedo antes de desaguar  
na pátria a que tinha direito, por isso a tísica engoliu  
o Nobre e o Cesário antes de terem sequer idade  
para aposentação do bafiento escritório das palavras.  
Por isso o Ary estoirou com o fígado do tamanho  
das gigantescas mãos com que esbanjava amor e tonitruante  
ironia. Por isso a poesia que garantem que nos corre nas veias  
como enfermidade congénita é uma linfa agridoce,

uma seiva densa e mortal que não serve para regar  
canteiros nem pomares prósperos onde a fruta  
da paciência começa a ganhar bicho.

Por isso há poetas zangados que sem se calarem  
preferem falar com quem lhes dá na realíssima gana  
ou seja com quem encara a poesia como um natural  
e deslumbrante acto mágico capaz de resgatar dores  
demências e revoltas, melindrosos partos e prematuras mortes.

Se um poeta diz que somos um país de sacanas  
não o faz com inocência mas também não o faz por mal.  
Fá-lo somente porque tirando as medidas ao espartilho  
com que lhe amordaçam o olhar sente que não lhe resta  
outro remédio que não seja a acidez total e desenfreada.

Por isso as palavras agrestes e anti-líricas como cabotino e medíocre exiladas embora do seu comum vocabulário acabam por figurar no diagnóstico que faz do tempo em que se move. Assiste-lhe esse direito e também o de não se perfilar quando lhe dizem que o sonho é um comércio em declínio, que a claridade foi comprada por uma multinacional e que o bom comportamento lhe chega e sobra para ganhar o céu.

## O MAIS QUE SE DISSER

O mistério só pode estar em prender este instante,  
em deixá-lo cativo, fixo no sossego de uma página.  
O mais que se disser é invenção, pura e enleante  
invenção, pano lunar polvilhado de estrelas  
a querer encobrir o pouco que os olhos logram ver.

Tudo o mais é escrita, alambique de tormentos,  
oficina imaginada atrás do eco de uma frase,  
retorta de sílabas a fingir-se ciência.

Esgotado está o mistério e o instante, evaporado.  
O que foi escrito viverá? Sustém-lhe o som  
um andaime de vento, esboça-lhe o rumo  
uma espécie de luz que não ilumina  
mas vai dia a dia adiando a noite.

## O ESSENCIAL ESTÁ NA MÚSICA

O essencial está na música, sempre esteve,  
na matéria cantante de que é feita.  
É ela que burila e sustenta a cadência do verso,  
é ela que abraça o corpo esquivo da palavra  
e a faz dançar no redondel luminoso  
das metáforas que alimentam a fala  
que na página se derrama em sobressalto de som.

Não há surdez que a silencie,  
nem mistério que a exile ou condene.  
Ela é o pássaro branco que resiste  
a naufrágios e tormentas, a quase tudo.  
Pode ter a dimensão trágica do “requiem”  
ou a alegria saltitante da polca.  
Ela é a embriaguês e a febre,  
o balanço subtil da alma dentro do texto.  
Pode ser violenta, mansa ou desafiadora,  
guerreira, amante ou artífice,  
mas ninguém a verá cativa  
de um ofício de escrita que a ignore.  
Com ela se orchestra o júbilo das cigarras  
e o sussurro das águas nas fontes da noite.  
Calada e inerte, semeia o caos,  
e a voz que incendeia o verso

torna-se rouca, débil, insegura,  
porque o essencial está na música  
e porque só ela deixa entreaberta na poesia  
a porta iluminada das revelações finais.

## O VERSO ALCANÇANDO O INFINITO

O poema nasce de um impulso,  
de uma febre, da tirania de uma imagem,  
da tentação sonora de uma metáfora,  
do vazio que teme transformar-se em nada.  
Depois é a escrita, é o trabalho da mão  
sobre a matéria incandescente das sílabas.  
E, quando damos por nós, é de corpo inteiro  
que estamos na fragilidade do poema  
como se tivéssemos ousado cavalgar uma nuvem  
para desafiar todos os poderes do céu.

Quem ousará explicar este sortilégio?  
Nem sequer os deuses, pois esses  
nasceram da própria erupção do verbo,  
da explosão da prece fingindo ser capaz  
de vencer o sofrimento e o assombro.

O poema nasce, afinal, da ilusão  
de que ainda resta algo para ser dito  
e de que o silêncio é um cativo fugaz  
em que as palavras se amotinam  
para de novo voltarem a ter voz.

O poema nasce de um encantamento,  
e nem a morte lhe confisca o brilho.  
Fica inscrito na pedra ou na alma,  
derradeira sentença que o tempo teme  
por saber que é apenas um instante de luz  
ante a eternidade do verso alcançando o infinito.

## ENQUANTO A LUZ O VISITOU

Estes são os poemas do abismo da noite,  
os que só podem ser escritos a esta hora,  
neste lugar, com esta aflição,  
a martelar as sílabas e as veias,  
a estilhaçar os vidros e as ampolas de sono.  
Não há comprimidos que me façam parar,  
como não há comprimidos que me façam escrever.  
Tudo tem a sua lógica e o seu tempo,  
o seu espaço e o seu ritmo.  
A poesia talvez se resuma a isto:  
a uma música que nos devora  
ditando as leis da nossa ascensão e queda.  
O poeta é um Ícaro duplicado  
até ao infinito da voz, até ao limite  
da atenção da luz. Sabe que o sol  
acabará por matá-lo, mas não se detém,  
não se modera, não se constrange.  
Escreve em direcção à morte,  
enquanto o sol corre em direcção à vida.  
Como pode haver entendimento  
entre estas criaturas que se antagonizam e desafiam?  
É a própria escrita que consome as asas  
das palavras enquanto o poema nasce.

Consumado o parto, é a exaustão, a fadiga  
absoluta e mortal. Imobiliza-se a mão,  
a melancolia inunda a voz  
e aquele que escreve adormece sobre os escombros  
do que foi enquanto a luz o visitou.

## ESCREVE-SE PARA O DESDÉM

Escreve-se para o desdém, para o vazio,  
à espera de um dia, que pode ser o seguinte,  
em que alguém dirá: valeu a pena.  
Contam-se as traves do tecto, contam-se os versos  
do enamoramento e da guerra,  
contam-se as ilhas e as paixões  
e sobretudo tenta escrever-se, credulamente,  
com a inocência de quem descobre petróleo  
no canteiro da hortelã e segue em frente,  
indiferente à riqueza e à posse. Escreve-se  
para o desprezo dos que amam outra escrita  
e se enredam nela como as prostitutas  
nas camas baixas do lucro garantido.  
Escreve-se para não se ser lido, para a morte,  
para a ironia dos que dizem: até nem  
era mau poeta, mas escreveu de mais.  
Escreve-se para o bandolim e para a quimera,  
para a queixa e para o ciúme, para depois  
da morte, caneta apontada à têmpera, à espera  
que alguém se levante e diga: aprendi  
a gostar de poesia lendo o seu silêncio,  
saboreando a sua dor. Escreve-se para  
o gosto da aventura, como na prosa de Salgari;

com medo que um crítico chegue e diga:  
está fora do cânone, cede à facilidade.  
Escreve-se para não se ter poder, para o nada,  
rosto caído sobre a página da adoração dos sons.  
Escreve-se burlescamente, com os olhos postos  
nas personagens que se confundem com o musgo  
das casas assombradas pelo tédio. Escreve-se,  
escreve-se sempre para o desdém,  
para o fingimento das vozes que prometem  
a glória na miséria dos livros. Escreve-se

para a alma que fica, muito depois  
de deixarmos de escrever, de viver,  
estupidamente na solidão do que escrevemos.  
E pode ser que num outro dia,  
no dia seguinte, alguém abra o livro,  
a gaveta, a caixa dos medos, sonâmbulo, e diga:  
esteve aqui um poeta, sinto-lhe o cheiro,  
a forma, o alvoroço da ausência, a raiva,  
o desespero de não querer partir.  
Muito respeitinho, que aqui morou um poeta,  
na mais perigosa curva das palavras  
que matam, libertam, resgatam. Fim.

## O PALCO É UMA VOZ

Em palco ninguém está só, não pode estar,  
porque palco é o contrário de solidão.  
É no palco que os fantasmas dos fantasmas  
se vestem de verde, vermelho e azul, de ocre e de sangue,  
e brincam com a morte como quem brinca,  
libertando-se, com a solenidade lunar de cada tela.  
O palco comove-se com o revérbero da voz,  
com a emocionada lentidão da fala, e chora,  
porque tem alma, porque tem memória,  
porque sente e sofre como as feiticeiras  
quando lêem nos búzios o dia e a hora  
da sua morte entre as sebes, no meio dos lobos,  
no cenário final da imaginação dos actores e dos poetas.  
O palco ri-se e chora com a tragédia  
de quem joga nele a sua vida  
fingindo dar vida à morte da personagem.  
Ninguém está só na aflição do palco,  
que é altar, catedral, casulo e ventre,  
tal como no fogo alquímico das lendas, para sempre.  
A actriz é trespassada pelos cristais da fala  
e sangra, e levita, e transfigura-se, e renasce,  
e é o longe e o perto de tudo quanto a habita.  
O palco é uma voz a muitas vozes, polifónico,  
missa vermelha e negra dos doentes da alma,

e quando a actriz mitiga a dor da personagem  
é a santidade que inunda o palco  
com a água primordial que nos redime.

## PARA UMA ONTOLOGIA DO DIZER

Chega-se a uma idade, eu sei,  
em que já quase tudo ficou dito, e vivido.  
É então que fazer? Que escrever?  
Há quem faça a mala e parta para dentro de si,  
sem bilhete de retorno, passagem única  
para o mais explicável dos silêncios.  
Também há quem continue, quem teime,  
quem persista, quem finja não aceitar a rendição,  
e só a miséria branca dos livros dá notícia  
do tremendo vazio que lhes avassala a alma.  
Sempre os livros, só os livros. A miséria dos livros  
não é coisa que os críticos consigam perceber,  
nem mesmo os que sonham  
vir a escrever livros de poemas.  
Os búfalos têm os búfalos, que os catam  
e deles ritualmente se alimentam. Assim é também a literatura:  
precisa dos seus catadores, dos seus caçadores de insectos  
e dos outros seres incomodativos, das excrescências.  
Tudo se explica à luz da natureza, menos, repito,  
a miséria branca dos livros, sintoma de que há uma voz  
que teima em continuar a fazer-se ouvir,  
mesmo quando tudo ficou já dito, vivido.  
Só o sonoro e inclemente deus das palavras  
sabe que há perdão, mas nunca redenção,  
para quem continua a escrever só para mostrar,  
nem que seja ao espelho, que algo ficou ainda por dizer.

## A MEMÓRIA ATÉ AO FIM

De tudo se alimenta o poema:  
de golpes de ar, de estilhaços de cristal,  
de vozes sumidas no rumor das vozes,  
de notícias dos jornais, de medos tão velhos  
como a mais ressequida raiz do medo,  
do eco de canções antigas, dos resíduos perfumados  
de paixões de Agosto no âmago dos livros,  
de tanta coisa e de coisa nenhuma.  
Eu já extorqui à memória  
todos os materiais que ela me pôde dar,  
deixando-a exaurida e seca,  
serena e limpa como um ser agonizante.  
E, no entanto, é sempre a ela que volto,  
neste eterno retorno em que me perco,  
pedindo-lhe indulgência e dádiva,  
esperando dela somente um pouco mais  
de mim depois de quase tudo ter esquecido.  
A memória tornou-se autónoma e esquivava,  
como se nunca tivesse pertencido  
a quem a povoou e manteve viva.  
Transforma-se num território secreto  
que a ninguém franqueia as portas,  
a não ser a quem ainda a ama  
por dela depender até ao fim.

## A CELEBRAÇÃO DA METÁFORA

Levei comigo as metáforas pelas ruas  
como namoradas em romagem de saudade,  
por ser tão antigo o amor que nos une.  
Deleguei nelas a suprema competência  
para poderem dizer com palavras suas  
aquilo que eu agora só prosaicamente ousou dizer.  
Elas foram as intérpretes engenhosas e fiéis  
do meu jogo de sedução com a linguagem.  
Diligentes, transformaram a chuva em cascata  
de ventos e a felicidade, ou a tentativa dela,  
numa espécie de riso espectral da alma.  
Com elas enchi os bolsos, a boca,  
os cadernos e as caixas de madeira exótica  
onde se guardam as fotografias  
das viagens nômadas da adolescência perdida.  
Com elas cobicei o infinito, andei tão perto,  
e seduzi as ondas numa cama de algas  
puxada por dez cavalos marinhos.  
Com elas verbalizei a paixão e o ódio,  
o medo, o desejo e o esquecimento.  
Com elas deitei-me e acordei tantas vezes,  
marinheiro náufrago e domador de temporais.  
Hoje, sentindo-as cansadas e feridas  
pelo exercício da perpétua repetição,  
sento-as à janela alta do poema  
e peço-lhes que falem por mim quando eu me calo.

## O QUE ESCREVO SEM LIMITE

Isto é o que escrevo sem motivo,  
sem prazo, sem objectivo visível,  
correspondendo a um impulso brutal  
que abre as comportas à torrente da escrita.  
É este o meu método, confesso.  
Não ando a juntar poemas, um aqui outro acolá,  
como as galinhas juntam bagos de milho.  
Tudo me sai violento e natural, assim,  
como o caudal de um rio sem rumo  
inundando campos férteis,  
arrastando consigo à passagem  
idosos entrevados, cabeças de gado,  
lembranças dadas como perdidas,  
retratos sem data, versos esquecidos,  
imagens apodrecidas na memória.  
E o que fica são estes poemas  
que se alongam como cobras de água  
até ao limite da página, até ao fim,  
regulares e densos como sangue aos borbotões  
saindo de uma fonte aberta na alma.  
A oficina, a existir, está submersa  
pela lama, pela água e pela espuma.  
Tudo o que é trabalho apenas subjaz,  
esmagado pelo peso do que a emoção dita.  
Sou eu que escrevo por mim até ao colapso final.

## SOBRE O HEROÍSMO

Os heróis costumam morrer cedo  
porque se cansam de o ser,  
porque, em boa verdade, se cansam de ser.  
Quem atinge o absoluto do heroísmo  
não sabe o que há-de fazer no dia seguinte.  
Torna-se desajeitado e perplexo,  
dado ao que é paradoxal e intimidante,  
imaginando que só o sangue derramado  
é capaz de dar sentido à vida,  
que só a ofuscante vizinhança da morte  
é capaz de dar razão à alma.  
Os heróis trabalham para o epitáfio,  
para a memória que sobrevive ao acto  
e à sua enervante banalidade.  
O herói sonha com a hipótese,  
sempre remota e insondável  
de se tornar um pequeno deus.  
É essa sua única religião,  
a que consegue ser indulgente  
mesmo com a inconfessada cobardia.  
O herói é, afinal, um covarde que, por ironia  
ou por cansaço, quebra a rotina  
e se agiganta, com ou sem estandartes,  
onde os outros se agacham e vomitam,  
esquecendo que a morte é a única certeza.

## Cólofon

Para esta edição de “Poesia Escolhida” de José Jorge Letria, usámos o tipo Didot, um elogio à dinastia Didot, que marcou ao longo de cinco gerações a qualidade da tipografia francesa.

Foi iniciada em Paris por François Didot (1699-1757), mas foi o seu neto, Firmin Didot (1764-1836), o mais notável tipógrafo desta família de impressores, editores e fundidores de tipos. Em 1738, a fundição Didot trabalhou uma fonte tipográfica do tipo romana, moderna e inovadora.

O tipo Didot, como ficou conhecido, foi utilizado para imprimir obras, tais como a Bíblia em latim de 1785.

“Poesia Escolhida”, foi impresso em “offset” sobre papel IOR de 90 gsm, e capa em CLA Classic de 250 gsm,

revestida por sobrecapa impressa “offset” em papel Couché Mate de 150 gsm, plasticizado brilhante.

Foi concluída a sua produção em julho de 2012, nas oficinas da Tipografia Lousanense.

(Página deixada propositadamente em branco)

I  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS  
U

li

